



PUC RIO

MARCIA SOUZA GOMES ANTUNES

AS PERVERSÕES: SEUS PARADOXOS

Uma leitura psicanalítica a partir da contribuição de Jacques Lacan

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, abril de 1993

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

UC51618-7



76177

150
A636
TESE UC

MARCIA SOUZA GOMES ANTUNES

AS PERVERSÕES: SEUS PARADOXOS
UMA LEITURA PSICANALÍTICA A PARTIR DA
CONTRIBUIÇÃO DE JACQUES LACAN

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1993

UC51642-7



76177

150
A636
TESE UC

ANTUNES, M. S. G.

AS PERVERSÕES: SEUS PARADOXOS — uma leitura
psicanalítica a partir da contribuição de
Jacques Lacan.

106p.

Dissertação: Mestre em Psicologia Clínica

Introdução - I. Antecedentes - II. A radicalidade
freudiana e sua subversão - III. A pulsão como
conceito fundamental - IV. A perversão - V. A
fantasia - VI. A perversidade - VII. Algumas
questões - Conclusão.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq - Conselho Nacional de Pesquisas e à PUC-Rio - Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro por terem viabilizado a elaboração desta dissertação de Mestrado.

À Angela Baraf Podkameni, minha orientadora, pelo incentivo;

À Vera Lucia Lima da Silva, pelo apoio;

À Marize Lira e Eni Rosa pela colaboração.

À

José Humberto, Guilherme,
Gabriela, Bárbara e Yasmín.

5.4. A Fantasia para J.A. Miller

CAPÍTULO 6: A PERVERSIDADE

- 6.1. A Pulsão de Morte
- 6.2. O Mal-Estar na Cultura
- 6.3. O Mal ao próximo
- 6.4. Kant com Sade
- 6.5. O Paradoxo do Gozo

CAPÍTULO 7: ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A CLÍNICA

CONCLUSÃO

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GLOSSÁRIO

I N D I C E

Pág.

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1: ANTECEDENTES

- 1.1. Breve Histórico das Perversões
- 1.2. A Concepção Clássica das Perversões

CAPÍTULO 2: A RADICALIDADE FREUDIANA E SUA SUBVERSÃO

- 2.1. Os três Ensaios de uma teoria para a Sexualidade
- 2.2. A Moral Sexual Civilizada Moderna

CAPÍTULO 3: A PULSÃO COMO CONCEITO FUNDAMENTAL

- 3.1. A Pulsão no Processo Perverso
- 3.2. A Pulsão em Lacan

CAPÍTULO 4: A PERVERSÃO

- 4.1. A Perversão como Estrutura
- 4.2. A Perversão e o Erotismo

CAPÍTULO 5: A FANTASIA

- 5.1. Bate-se numa Criança
- 5.2. A Fantasia e o Desejo
- 5.3. A Fantasia como Anteparo

SINOPSE

Esta dissertação tem como proposta fazer uma leitura da perversão na obra de Jacques Lacan, dando relevo especial ao seu artigo "Kant com Sade", por entendermos se tratar de um texto "princeps" para o esclarecimento desta estrutura.

Começamos por explicar o surgimento do termo perversão, adentrando por uma discussão existente na teoria entre perversão e perversidade, e das distorções existentes na própria psicanálise a respeito do tema, só o considerando como desvio da norma.

Em seguida, apresentamos os antecedentes em Freud, a origem do reconhecimento da sexualidade infantil, perversa polimorfa e a revolução surgida na moral sexual civilizada da época.

Uma sustentação teórica do conceito de pulsão se tornou necessária, fundamental a nosso ver para a compreensão do processo perverso.

A perversão propriamente dita, sua estrutura, sua relação com o erotismo e com a fantasia são abordados sob o prisma de Jacques Lacan.

A perversidade com a pulsão de morte, tal qual aparecem na ética da psicanálise nos remetem aos paradoxos do gozo e posteriormente aos próprios paradoxos da ética e suas implicações na clínica.

Finalmente, concluímos com os "novos" questionamentos teórico-clínicos sobre a perversão.

RÉSUMÉ

Cette dissertation vise à présenter une lecture de la perversion dans l'oeuvre de Jacques Lacan en soulignant tout spécialement son article "Kant avec Sade" car nous entendons qu'il s'agit-là d'un texte "princeps" pour l'éclaircissement de cette structure.

Nous commencerons par expliquer l'apparition du terme perversion et nous aborderons la discussion existant dans la théorie au sujet de la perversion et de la perversité, ainsi que les distorsions qui en découlent dans la théorie psychanalytique, en la considérant en tant qu'une déviation de la norme.

Ensuite, nous ferons voir les antécédents dans l'oeuvre de Freud, l'origine de la reconnaissance de la sexualité infantile, perverse-polymorphe et la révolution qui émerge de la morale sexuelle de l'époque.

Il nous a été nécessaire de procéder au fondement théorique du concept de pulsion à fin de parvenir à la compréhension du processus pervers.

La perversion proprement dite, sa structure, son rapport avec l'érotisme et avec le phantasme sont abordés selon le point-de-vue de Jacques Lacan.

La perversité se structure dans la relation entre le mal radical et la pulsion de mort comme nous pouvons le voir dans l'Éthique de la psychanalyse qui nous renvoie aux paradoxes de la jouissance. Et plus tard aux implications dans la clinique psychanalytique.

Enfin nous concluons en présentant de nouvelles questions théorique-cliniques sur la perversion.

PALAVRAS CHAVE

1. PERVERSÃO
2. PARADOXOS
3. FANTASIA
4. OBJETO
5. SUJEITO

"a natureza humana é a perversão, isto
é, uma montagem altamente sofisticada
que supõe a linguagem".

Jacques Alain Miller,
"A Perversão Normal", Conferência
realizada em 10/06/89, Genebra.

INTRODUÇÃO

O estudo da perversão é controvertido, cheio de paradoxos, através dele aprende-se muito sobre a neurose, o que não chega a surpreender, dado o caminho que se abre aí, para a abordagem do desejo humano, de sua emergência. No entanto, já dizia Lacan que é preciso um perverso para bem falar da perversão...

Mal ou bem, falar em perversão envolve pensar numa norma. A definição mesma do termo, em qualquer dicionário, traz de imediato esta implicação: pervertido é o que foi desviado, desvirtuado, invertido, transviado, travestido, virado pelo avesso. E foi nesse sentido que Freud começou a estudar a perversão, vista por ele inicialmente como um desvio em relação à uma sexualidade "normal", sob o primado do genital.)

Em Freud, na primeira teoria do Inconsciente, a perversão consistia na transgressão da lei, aparecendo como um dado fundamental do desejo humano. Nele o Inconsciente estaria como que a descoberto, tendo sofrido apenas o recalque originário.

Neste sentido, a perversão seria a primeira modalidade de relação entre um ser e suas pulsões ("a criança é um perverso

polimorfo"), sendo explicada por uma fixação, e transgredir significaria um retorno, uma regressão a um ponto aquém da unificação das pulsões parciais pelo ego. O que no próprio texto freudiano fica ambíguo, já nos "Três Ensaio", a tese é de alguma forma destituída, pela colocação da perversão polimorfa, como se esta já recebesse, implicitamente um certo estatuto de estrutura.

A unificação pelo ego das pulsões parciais só se poderia justificar pela garantia de se atingir um prazer maior, pois que, então, tudo segue esse caminho em direção a ele, e mesmo o princípio da realidade deriva do princípio do prazer, não se tendo ainda ido mais além.

Desse ponto de vista, o perverso, menos crédulo que o neurótico, não teria fé nessa garantia de prazer a longo prazo, e trataria de alcançar o seu, imediatamente. Por outro lado, recusando a abandonar o princípio do prazer, seria ele — paradoxalmente — o melhor adaptado ao mundo e ao princípio da realidade. Neste sentido, é interessante a formulação de Guy Rosolato: "Se no jogo da sedução e do amor a histérica sucumbe, mas sem prazer, e o obsessivo triunfa pelo exercício de um poder, o perverso atinge um certo prazer, apesar de tudo"^[1].

Gostaríamos que vocês nos acompanhassem "pari-passu" no caminho que percorremos neste trabalho, nos caminhos que chamamos da perversão...

Por que escolhemos este percurso para falarmos da perversão ?

Primeiro, porque queríamos ter respostas às perguntas tais como: Como surgiu o termo perversão? No que a descoberta de Freud a respeito da sexualidade infantil contribuiu para o estudo das perversões? Qual o conceito que poderia sustentar teóricamente o processo perverso? Qual a relação da perversão com o erotismo? E com a fantasia? Qual a distinção feita entre perversão e perversidade, se é que ela existe? Quais as implicações na clínica?

As dificuldades que um analista enfrenta ao se deparar com um caso de perversão são inúmeras. A começar pelo fato de que o perverso não demanda análise. A sua permanência no tratamento é difícil. Ocorre na maioria das vezes bruscas interrupções. Ele não se submete às regras psicanalíticas.

Em suma, as perversões tendem sempre a desorientar não somente o analista em sua prática, mas também a Psicanálise como um todo.

INTRODUÇÃO

NOTAS

- [1] Clavreul, Jean e outros. "O desejo e a perversão".
Campinas, Paiprus, 1990.

CAPITULO 1

ANTECEDENTES

1.1. BREVE HISTÓRICO DAS PERVERSÕES

Em francês, o significante perversão aparece em 1444. Vem do latim clássico *perversio*, *perversum*, do verbo *pervetere*, que quer dizer revirar, desviar, deturpar, desvirtuar, inverter, reverter, transviar, virar pelo avesso, mas que tomou a acepção de desvio deplorável.

Desde seus primeiros empregos, a perversão comporta uma significação pejorativa e a metáfora subjacente é a da transformação em mal. Durante muito tempo, este termo serviu à linguagem corrente, sem emprego técnico particular, e, só no meio do século XIX que ele passou a pertencer, em partes iguais, ao uso comum e ao emprego médico. Temos portanto, perversão: mudança do bem em mal; perversão dos costumes; confusão; desarranjo; da perversão do apetite na gula; da vista na diplopia. Só a última acepção é emprestada da medicina. O tema de base aparece claramente: uma mudança do melhor para o pior, uma depravação, donde os costumes fornecem o exemplo tradicional: variedade de degenerescência mental. Perversão

moral, calcada sobre loucura moral, que na linguagem psiquiátrica do meio do século XIX traduzia, em francês, a locução inglesa de insanidade moral.

Enfim foi Magnam que impôs o uso habitual do termo perversões sexuais, a partir de um título que fornecia três sinônimos: "as anomalias, as aberrações e as perversões sexuais". Após Magnam, é perversão sexual que prevalecerá em francês, e desde os inícios do século XX era suficiente empregar perversões sem adjetivo, mas no plural, para falar das singularidades da sexualidade. Em francês, anomalias sexuais e aberrações sexuais desaparecerão rápido do uso comum, em benefício das perversões, na medida em que anomalia, atestada em biologia, depois de 1808, tem sobretudo o sentido quantitativo de desvio ou de ligação a um meio e onde aberração significava, por sua vez, "afastamento" e "erro".

Em inglês, entretanto, é o termo aberração que prevalecerá, donde a referência etimológica está bem próxima do delírio: desviar-se do mundo.

Em alemão, duas expressões farão concorrência. De uma parte, as aberrações sexuais (termo de que se servirá Sigmund Freud e que se tornará clássico com ele), mas também uma outra locução, "as anomalias", utilizada por Kraft-Ebing, donde a tradução literal seria: anomalia das pulsões de reprodução da espécie. Isto situa de início o problema por referência à procriação, tida por norma.

Perversão em francês pertence à mesma série que perversidade, perverso, pervertido. Em perversidade e perversão, a origem é a mesma sendo ambas derivadas do latim *pervertere*. A primeira de 1190, a segunda, mais tarde, em 1444.

A primeira, empregada sobretudo no singular, a segunda no plural. Perversões designam comportamentos; perversidade denota uma disposição permanente de caráter. As perversões são condutas que se passam na realidade nos atos de qualquer um, enquanto que a perversidade é um defeito grave que habita um sujeito.

As perversões se referem ao comportamento sexual enquanto que a perversidade reúne a agressividade, mas também a duplicidade cruel e maligna, determinando inexoravelmente, o mal no outro.

Perversidade pertence ao mesmo domínio que a mania sem delírio, o delírio dos atos e mais tarde a psicopatia. Por esta visada as perversões aparecem como os sintomas que se manifestam no perverso. Poderemos nos perguntar se elas são somente signos delas mesmas ou indícios de que a perversidade domina o perverso. E, por vezes, perverso poderá se dizer de qualquer um que não atualize em seu comportamento alguma perversão, mas que se encontra animado de uma perversidade moral^[1].

1.2. A CONCEPÇÃO CLASSICA DAS PERVERSÕES

A abordagem do universo das perversões necessita sempre muita prudência, tanto é verdade que ainda são encontradas nessa categoria considerações frequentemente estranhas ao campo psicopatológico propriamente.

Seria um erro pensar que o referencial psicanalítico subverteu, de uma vez por todas, as concepções etiológicas clássicas, referentes ao processo perverso.

Joël Dor dá como ilustração a argumentação proposta no "Manuel Alphabetique de Psychiatrie"^[2] a propósito das perversões, amálgamas teóricos e clínicos totalmente sem consistência.

Em primeiro lugar, de saída encontramos exposto neste estudo, a distinção tão standard quanto gratuita entre perversão e perversidade. A perversidade referir-se-á a um tipo de malignidade em operação no indivíduo, em alguns de seus atos e de suas condutas. Somos portanto convocados sob essa apelação, ao local das apreciações morais do comportamento. Daí a dificuldade subsequente quando se trata de distinguir a perversidade da perversão, visto que então dispomos apenas de um único termo: perverso, como observa o autor, com bom senso.

"Não dispomos infelizmente senão de uma única palavra, perverso, para designar intuitivamente os sujeitos marcados pela perversidade e aqueles que sofrem de perversão dos instintos elementares. Aliás, o uso confunde abusivamente essas duas categorias de anormais, entre as quais, existem sem dúvida obscuras e frequentes associações. A linguagem corrente acentua, no entanto, mais estritamente a noção de perversidade na acepção do vocábulo perverso"[3].

Em tais condições, o que se entende por perversidade ? Tratar-se-ia, segundo Henri Ey, de uma escolha imoral nas regras normativas do comportamento. "O perverso não se abandona somente ao mal, mas o deseja"[4].

Segundo H. Ey tudo se passa como se, por oposição às perversões, a perversidade supostamente resultasse de uma orientação episódica do comportamento, limitada, mas identificável nos indivíduos mesmo "normais". Por exemplo, seria o caso de alguns atos de crueldade física e/ou moral cometidas sob a influência das paixões (ciúmes, ódio, exaltação política ou mística). Mais banalmente seria o uso de vandalismos diversos. Tais atos de perversidade poderiam, de resto, dissimular-se por detrás do gosto pela subversão, pela provocação, pelo escândalo etc. De uma maneira geral, é preciso que admitamos, portanto que a perversidade permanece submetida a uma discriminação, que se baseia exclusivamente em critérios

sociais ou médicos legais.

Por mais contemporânea que seja essa concepção das perversões, constitui a ilustração bem exemplar da incoerência semiológica e da inconsistência clínica que acompanham com frequência, não somente a abordagem do processo perverso, mas também sua compreensão. Além do caráter permanente diferencial e comparativo da abordagem cuja discriminação está, por outro lado, sujeito exclusivamente a critérios ideológicos, essa análise das perversões faz, do início ao fim, uma confusão evidente entre traços perversos e manifestações perversas. Semelhantes ambiguidades contribuem para dar ao preciso perverso a consistência de uma disposição relativamente atípica sem especificidade estrutural. Esta conclusão de fatos, de comportamentos e de apreciações normativas não deixa prever em nada a perspectiva de uma investigação consequente sobre a etiologia psicogenética das perversões. Em particular, não identificamos nenhum sinal que evocasse a descrição de um conjunto de processos metapsicológicos suscetíveis de objetivar, no mínimo, a notável singularidade de um tipo de funcionamento psíquico. Se a causalidade psíquica supostamente dá conta do advento das perversões, ao mesmo tempo é implicitamente causada pela carência de referências justificativas adequadas. Fora da presença de critérios etiológicos rigorosos, as perversões não podem ser apreendidas de outro modo senão em referência a um universo de normas. Essa fraqueza clínica demonstra, finalmente, o desconhecimento evidente do único local e inteligibilidade onde podem estar circunscritas as perversões:

o campo psicosexual.

Em seu "Vocabulário de Psicanálise", Laplanche e Pontalis não deixam de lembrar que só se pode falar de perversão em relação à sexualidade, mesmo se Freud distingue um certo número de pulsões, é contudo sempre em relação às pulsões sexuais que evoca a dinâmica do processo perverso. Se outros comportamentos que não o comportamento sexual aparecem "desviados" em um sujeito, o recurso à perversão não se impõe necessariamente, tanto que a clínica psicanalítica pode evidenciar a existência frequente de correlações entre esses comportamentos desviados e a sexualidade. Nesse sentido a concepção psicanalítica das perversões revela-se mais econômica e mais rigorosa por seu caráter operatório e instrumental.

A teoria analítica das perversões fundamenta-se em uma organização de conceitos que remetem, em larga medida, a elaborações metapsicológicas^[5].

CAPITULO 1

NOTAS

- [1] Lanteri - Laura, Georges. "Lecture des perversions". Paris, Masson, 1979, p. 28.
- [2] ———. "Manuel Alphabetique de Psychiathrie", Paris, PUF 5 ed. 1975, articles "Perversité" et "Perversions" de Ch. Bardenat.
- [3] Ibid.
- [4] Dor, Joél. "Estrutura e perversões", Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 66.
- [5] Ibid., p. 71.

CAPÍTULO 2

A RADICALIDADE FREUDIANA E A SUA SUBVERSÃO

2.1. OS TRES ENSAIOS

O extraordinário polimorfismo das manifestações da sexualidade no homem, o fato de que seus desvios intrínsecos se encontram em todos os seres humanos, tudo isso cria dificuldades para Freud, ao definir a perversão. Ele formula, então, que para além de certas manifestações incontestavelmente patológicas (coprofagia, necrofilia), só se pode distinguir a perversão da normalidade porque a perversão se caracteriza por uma fixação prevalente, até mesmo total, do desvio quanto ao objeto, e pela exclusividade da prática quanto ao desvio em relação ao objetivo.

Freud, que está elevando a perversão à dignidade de uma posição subjetiva, destaca aí, no entanto, um fator psíquico capital. Com efeito, ele escreve: "São talvez, as perversões mais repugnantes que melhor demonstram a participação psíquica

na transformação da pulsão sexual"[1].

A perversão atesta, pois, o trabalho de idealização no próprio núcleo da pulsão. A perversão, acentuando o próprio processo de pulsão, tira sua singularidade do fato de que ela idealizaria a Trieb em sua materialidade, donde sua mutação pela interferência de uma elaboração psíquica.

Freud faz a distinção fundamental entre a pulsão e a perversão. Nesse sentido, o destino idealizante da pulsão na perversão já denuncia a oposição de uma sexualidade real, ou bruta, e uma psiqué externa. Além disso, Freud invalida também a idéia de uma satisfação imediata da pulsão. É, para a época, uma contribuição fundamental.

A disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil não deve ser confundida com a perversão no adulto, mesmo que seja o potencial para esta última, assim como para toda a organização sexual do adulto.

A perversão poderia se caracterizar por uma certa feminilização do sujeito: "Nessas circunstâncias a criança não se comporta de modo diferente que o faria, diante do sedutor, a média das mulheres, não tendo se submetido à influência da civilização e conservando assim uma disposição perverso polimorfa"[2].

* Nos "Três Ensaios" Freud parte do princípio que todo desvio de pulsão sexual quanto ao objeto e quanto ao fim é uma perversão, distinguindo ainda, pelos mecanismos de sua constituição, as perversões ativas (perversões verdadeiras) das

perversões passivas (as psiconeuroses).

Se a sexualidade na criança tem uma disposição perverso-polimorfa de tendência auto-erótica, nem por isso ela é perversão. A criança pode, todavia se tornar perverso polimorfa sob determinadas influências; uma sedução por um adulto, por exemplo.

A perversão é uma posição subjetiva sustentada por um fantasma consciente, que o sujeito pode ser levado a realizar em condutas agenciadas de acordo com a cena do fantasma, à diferença de neurose, que é o negativo de perversão, mas cujos fantasmas perversos são inconscientes. Enquanto posição subjetiva, a perversão se constitui no Édipo, e tem uma relação, ainda que remota com a castração.

A partir da disposição perverso-polimorfa da sexualidade infantil, que não é a perversão, elas se constituem seja por fixação a uma etapa infantil, seja por dissociação das pulsões numa etapa posterior.

A pulsão não é a perversão, já que esta última só se constitui depois de toda uma série bastante complexa de transformações da pulsão sexual. É uma forma de idealização da pulsão no seu próprio processo, acompanhada de uma supervalorização sexual do objeto. Nesse processo de idealização intervém a intensidade do prazer preliminar.

Freud só começa realmente a se interessar pela perversão a partir do momento em que a encontra sob uma forma paradoxal na neurose. Com efeito, observa ele desde 1900, os

neuróticos podem sonhar em ser perversos. Para Freud, a neurose é o negativo de perversão, na medida em que só lhe concernem os sonhos ou fantasmas inconscientes, enquanto que na perversão os fantasmas conscientes podem ser transformados em comportamentos agenciados.

A distinção entre normalidade, neurose e perversão é tanto mais difícil de ser feita na medida em que, diante do extraordinário polimorfismo das manifestações da sexualidade, tanto no plano individual como no cultural, é forçoso concluir, e Freud o faz sem hesitar, que não existem normas sexuais, e isso, enfatiza ele, não apenas no plano psíquico, mas também no plano biológico...

A perversão em Freud (como a psicose e a neurose) só pode se definir a partir de suas coordenadas subjetivas, e não simplesmente pulsionais, e isso desde 1905.

Freud evoca a possibilidade de uma "dissociação" de componentes de uma pulsão parcial, depois sua "regressão", e finalmente sua "fixação" num estágio infantil da sexualidade, enquanto o outro componente cede ao recalçamento característico do período de latência, não exercendo, mais, portanto, sua influência alternativa. O que ele designa por "fixação" é uma simples fixação da tendência, a qual se exerceria mais tarde da maneira dominante, diretamente e sem ter sofrido transformações, na vida do adulto, dando-lhe o valor de uma perversão? O que é fixado são as impressões infantis. A criança, quer dizer, o sujeito, está fixado na satisfação pulsional a partir de sua representação, (a cena primitiva de um fantasma). Freud afirma

que existe também recalque na perversão. O que é recalçado são representações e o que é recalçado no período de latência é a sexualidade infantil, na medida em que ela é também uma pré-história.

Se Freud não confunde a pulsão com a perversão, o que se precisa é demarcar a posição do sujeito e aquilo que o constitui com relação ao objeto, com as razões que presidiram a sua escolha. É a partir do fantasma que se deve definir a perversão.

As perversões sempre têm a ver, ainda que numa relação distante, com a castração. A escolha de objeto, notadamente por apoio na primeira infância, se faz independentemente do sexo.

A cena perversa, atuada ou não, também não permite qualificar uma perversão. A perversão se desenvolve em relação aos objetos de amor incestuoso.

"A fixação no objeto a partir de então ardentemente cobiçado, o pênis da mulher, deixa traços indelévels na vida psíquica da criança, na qual esse estágio de investigação sexual infantil apresentará uma intensidade particular. O fetichismo do pé e do calçado feminino não parece ter consistência senão como um símbolo de "ersatz" do membro adorado no tempo de infância, e depois perdido" [3].

Não é o órgão, pênis real, que está em jogo, mas o falo como símbolo da ausência do pênis.

Temos, em 1910, com "Leonardo da Vinci", um segundo denominador comum a todas as perversões: a feminilização do sujeito por identificação à mãe fálica em sua recusa da castração. Dois pólos do fantasma permitem, portanto, definir a perversão freudiana: "O objeto é escolhido em função da relação do sujeito com a castração, cuja sorte é decidida na dialética edipiana"[4].

2.2. A MORA SEXUAL CIVILIZADA

Freud efetua uma inversão total: a origem do recalque da sexualidade não estaria na moralidade e sim proviria da natureza da pulsão sexual. A causa da neurose não estaria na moral, que perturba a vida sexual: a moralidade tem a força demonstrada na neurose porque a sexualidade é essencialmente perturbadora. A moralidade é apenas uma, entre outras, das armas de que os homens se servem para se defenderem da sua própria sexualidade: "Quando suspeitamos que a moralidade é só um pretexto, tal idéia se justifica pelo fato de que a resistência utiliza, no curso do tratamento, todos os motivos positivos com vista a uma defesa"[5].

Embora Freud tenha considerado, desde o início da sua prática que os transtornos da função sexual se encontravam na origem das neuroses, demorou algum tempo para constatar que o recalque recaía essencialmente sobre os componentes perversos da sexualidade e para reconhecer a universalidade dessas tendências perversas no ser humano e sua origem infantil. O conceito de sexualidade, tal como a experiência analítica o conduziu a elaborar, emergiu progressivamente da noção comum da sexualidade até receber uma compreensão e uma extensão diferente que, por outro lado, transformaram a concepção vigente.

O conceito da sexualidade descoberto pela experiência psicanalítica não corresponde a um comportamento instintivo que teria um fim e um objeto fixo e pré-formados. Aqui, a própria noção da perversão não é certamente, adequada: ela implica uma idéia de desvio, de anomalia com relação a uma norma comportamental que, no contexto da sexualidade humana, não poderia ser natural e só pode incumbir a ética.

A experiência analítica mostra que a sexualidade não poderia ser reduzida à genitalidade. As zonas genitais estão longe de ser as únicas zonas erógenas. Os fins e os objetos da pulsão sexual, são de resto, eminentemente variáveis.

Freud foi levado a reconhecer a existência de uma sexualidade, em sentido amplo, na criança, após haver renunciado à teoria de sedução como única explicação para a neurose. // A concepção da sua origem traumática foi parcialmente abandonada em prol daquela que postulava a sua fonte na sobrevivência

inconsciente das tendências sexuais infantis. O homem padeceria de um infantilismo em sua sexualidade. Infantilismo quer dizer predomínio, nesta última, de tendências perversas e, portanto, das zonas erógenas não genitais. São essencialmente tais tendências perversas as que sofrem o recalque e dão origem aos sintomas. "A neurose é o negativo da perversão"[6].

A descoberta da sexualidade infantil possui uma dupla significação: por um lado, trata-se da descoberta de uma atividade sexual espontânea na criança, por exemplo, de tipo masturbatório e que corresponde à concepção corrente, genital, da sexualidade. Significa, por outro lado, o descobrimento da existência de pulsões sexuais não genitais, e de sua importância, na formação da neurose e no desenvolvimento do indivíduo. Enquanto a sexualidade genital corresponde a uma função biológica, as pulsões não genitais, parciais se caracterizam não apenas por sua independência com respeito às funções biológicas, mas também por sua capacidade de obstruir essas funções, como se vê na anorexia ou na cegueira psíquica. Mostram-se essencialmente como geradoras de conflitos, suscetíveis de contrariarem o exercício das funções biológicas necessárias para a conservação do indivíduo. Podemos dizer, então, que são duplamente aberrantes: para com a sexualidade genital e a função de reprodução, e para com as funções biológicas de conservação do indivíduo.

Antes da descoberta da sexualidade infantil, Freud encarnava a origem do recalque como um conflito psíquico entre as tendências sexuais e a consciência moral do sujeito, sendo a

responsabilidade pela neurose imputável assim, à educação e à moral social. No entanto, havia suspeitado que a moralidade do sujeito, ao invés de ser a causa do recalque, poderia ser um meio de defesa contra o desprazer inerente ao registro sexual. Os novos dados fornecidos pela descoberta da natureza da sexualidade infantil permitem esclarecer as causas do caráter conflitivo da sociedade. As pulsões sexuais põem o organismo em perigo e comprometem a conservação do indivíduo. Isto levará Freud a elaborar a primeira teoria do dualismo pulsional, onde opõe as pulsões do Eu (ou de auto-conservação) às pulsões sexuais.

Se o fundamento da civilização reside na maleabilidade das pulsões perversas, devemos esperar que o meio social se esforce ao máximo para encaminhar essas pulsões a fins culturais, obstruindo com isto as manifestações não concordantes com o que visa; neste sentido a civilização é essencialmente repressiva no que diz respeito à livre manifestação das pulsões perversas. Freud reconhece na criança, a existência do "mal". Mas acha que, longe de almejar a extirpação das "más tendências" da criança — de qualquer modo indestrutíveis — deve-se deixar que se encaminhem a uma saída socialmente aceitável. Não há sublimação sem perversão [7].

Em 1905, nos "Três Ensaios" a sexualidade é concebida como essencialmente marcada pela emergência do pluralismo das correntes pulsionais, cada uma das quais tendendo isoladamente à satisfação que lhe é própria. A ausência de vínculos dessas correntes entre si, sua falta de organização, é o que

caracteriza esta fase. A criança é então um "perverso" polimorfo". Um estado de liberdade no qual reina a anarquia pulsional: assim é como parece conceber Freud esse período da vida infantil.

Freud ataca duramente em 1908, em seu artigo "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna", texto posterior portanto aos "Três Ensaios", a moral sexual da sua época, responsabilizando-a pela expansão numérica das neuroses. Diz ele:

"Referindo-nos à história da pulsão sexual, poderíamos distinguir três estádios de civilização: uma primeira fase, na qual a atividade da pulsão sexual, a imagem dos fins da reprodução, é livre; uma segunda, onde tudo o que se refere à pulsão sexual é reprimido, salvo o que serve à reprodução; e um terceiro estádio, no qual a reprodução legítima é o único fim sexual autorizado. Este terceiro estádio corresponde à nossa "moral sexual civilizada atual" [8].

Em "Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna", notamos a expressão de otimismo de Freud humanista e reformista, que encontra na liberalização dos costumes e na diminuição dos rigores da moral uma esperança na luta contra as neuroses, pelo

incremento do bem-estar geral e os progressos da própria civilização, otimismo este do qual teria desistido com a promoção da pulsão de morte na teoria analítica, cuja razão alguns (entre os próprios analistas a quem este tipo de hipótese chocava) quiseram encontrar nas experiências de luto e de doença que Freud padeceu na época.

A Psicanálise pode triunfar sobre as neuroses individuais, mas a tarefa de curar a civilização é muito mais árdua, na medida em que a vocação da humanidade para a neurose é o que se revela no mal-estar moderno [9].

CAPÍTULO 2

NOTAS

- [1] Valas, Patrick - "Freud e a Perversão". Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p. 28.
- [2] Ibid., p. 74.
- [3] Millot, Catherine - "Freud Antipedagogo". Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987, p. 19.
- [4] Ibid., p. 20.
- [5] Ibid., p. 25.
- [6] Ibid., p. 27.
- [7] Ibid., p. 31.
- [8] Ibid., p. 27.
- [9] Ibid., p. 31.

CAPÍTULO 3

A PULSÃO COMO CONCEITO FUNDAMENTAL

3.1. A PULSÃO NO PROCESSO PERVERSO

A noção de pulsão, central na metapsicologia freudiana, é um elemento pivô da economia psíquica característica das perversões: de um lado, porque a pulsão é uma peça chave constitutiva da evolução da sexualidade infantil, por outro, porque é o vetor psíquico que vai "atualizar" o processo perverso^[1].

A noção de pulsão vai permitir a Freud definir especificamente o lugar das "aberrações sexuais" seja como um desvio relativo ao objeto da pulsão sexual, seja como um desvio relativo a seu objetivo. Assim teremos: primeiramente, aquelas em que o objetivo da ação é perverso e é preciso colocar aqui o sadismo, o masoquismo, o fetichismo e o exibicionismo; em seguida aquelas em que o objeto é perverso, sendo a ação mais frequentemente uma consequência. É o grupo da homossexualidade, da pedofilia, da gerontofilia, da zoofilia e do auto-erotismo.

Em 1915, em seu estudo "As pulsões e seus destinos", Freud define muito rigorosamente o objetivo e o objeto da pulsão. Estas novas considerações permitem uma melhor compreensão das manifestações perversas de sexualidade, notadamente do ponto de vista da elasticidade dos modos de satisfação pulsionais:

"O objetivo de uma pulsão é sempre a satisfação que só pode ser obtida suprimindo o estado de excitação à fonte da pulsão. Mas ainda que esse objetivo final permaneça invariável para cada pulsão, diversos caminhos podem levar ao mesmo objetivo final, de modo que diferentes objetivos mais próximos ou intermediários podem oferecer-se para uma pulsão. Esses objetivos combinam-se ou permutam-se uns pelos outros. A experiência autoriza-nos desta maneira a falar de pulsões inibidas quanto ao objetivo, nos usos de processos para os quais uma certa progressão na via da satisfação pulsional é tolerada, mas que, em seguida, sofrem uma inibição ou uma derivação. Pode-se supor que mesmo tais processos não acontecem sem satisfação parcial"[2].

Uma outra precisão fundamental será introduzida por Freud a propósito do objeto da pulsão sexual. Tal objeto é totalmente variável e só é, portanto, eleito como objeto da satisfação possível em função da história do sujeito^[3].

De fato, tanto o estudo das perversões contradiz a idéia de um objetivo e de um objeto sexual pré-determinados e ligados ao funcionamento genital, quanto o estudo da sexualidade infantil fornece a prova da ausência de uma semelhante especificidade em benefício de uma pluralidade de objetos e de objetivos^[4].

Freud isola quatro tipos de destinos pulsionais: o recalcamente e a sublimação, de um lado, de outro a transformação no seu conteúdo e o retorno sobre a própria pessoa que constituem duas vicissitudes pulsionais diretamente em operação nas perversões.

Na transformação em seu contrário, Freud assinala dois mecanismos diferentes. De um lado, a possibilidade de um retorno da pulsão da atividade à passividade. De outro, a transformação do próprio conteúdo do processo pulsional. Os exemplos que Freud compõe para ilustrar esse primeiro tipo de mecanismo são tomados das perversões: primeiramente o par sadismo/masochismo; em seguida, o par voyeurismo/exibicionismo. Tanto em um caso como no outro o retorno concerne apenas aos objetivos pulsionais. "O objetivo ativo: atormentar, olhar é substituído pelo objetivo passivo: ser atormentado, ser "olhado". Quanto à "transformação do conteúdo" ele encontra sua

maior ilustração na transformação do amor em ódio"[5].

À propósito do retorno sobre a própria pessoa Freud baseia-se mais uma vez no exemplo das perversões, apenas com a diferença de que, no presente caso, o essencial do processo deve-se a uma mudança do objeto enquanto que o objetivo permaneça idêntico: "O retorno sobre a própria pessoa é melhor compreendido quando se considera que o masoquismo é precisamente um sadismo voltado para o eu próprio e que o exibicionismo inclui o fato de mostrar seu próprio corpo. A observação analítica não deixa nenhuma dúvida sobre este ponto: o masoquista goza, ele também, o furor dirigido para sua própria pessoa, o exibicionista pratica o jogo daquele que o olha desnudar-se"[6].

3.2. A PULSÃO EM LACAN

Lacan, no Seminário 11, diz que a pulsão não é a perversão.

E acrescenta, que o que define a perversão é justamente o modo pelo qual o sujeito aí se coloca. Ele refere-se especificamente à "Schalust" (Ver/ser visto) de Freud, ao olhar.

O que se passa no voyerismo, pergunta :

"No momento do ato do voyeur", onde está o sujeito, onde está o objeto ? O sujeito não está, enquanto tratando-se de ver, no nível da pulsão de ver. Ele está lá enquanto perverso; ele só se situa enquanto atingimento do fecho. Quanto ao objeto, o fecho dá a volta em torno dele, ele é missil, e é com ele que na perversão, o alvo é atingido"^[7].

O objeto aqui é o olhar: "Olhar, este que é o sujeito, que o atinge, que faz "mosca no tiro ao alvo"^[8], segundo Lacan. referindo-se à instância do olhar, não é no nível do outro, cujo olhar surpreende o sujeito que está olhando o buraco da fechadura: "É que o outro o surpreende, o sujeito, como inteiramente olhar escondido"^[9].

Na pulsão escópica, o olhar é esse objeto perdido e repentinamente reencontrado, na conflagração da vergonha, pela introdução do outro. O que é que o sujeito procura ver ?

"O que ele procura ver é o objeto enquanto ausência. O que o voyeur procura e acha é apenas uma sombra, uma sombra detrás da cortina. Aí ele vai fantasiar não importa que magia de presença, a mais graciosa das mocinhas, mesmo que do outro lado haja apenas um atleta peludo"^[10].

diz Lacan. O que ele procura não é o falo mas justamente sua ausência. ?

O que se olha é aquilo que não se pode ver. No exibicionismo, o que é visado pelo sujeito é o que se realiza no outro. A visada verdadeira do desejo, é o outro, enquanto que forçado para além de sua implicação em cena. Não é apenas a vítima que está envolvida no exibicionismo, é a vítima enquanto que referida a algum outro que a olha.

O asceta que se flagela o faz por um terceiro. Ele quer apenas designar o retorno, a inserção no corpo próprio, do começo e do fim da pulsão [1].

Freud pergunta: "Em que momento vemos introduzir-se na pulsão sadomasoquista, a possibilidade da dor? A possibilidade da dor sofrida pelo que se tornou nesse momento, o sujeito da pulsão?". "É, nos diz ele, "no momento em que o fecho se fechou, quando é de um polo ao outro que houve reversão, quando o outro entrou em jogo, quando o sujeito tomou-se por termo terminal da pulsão" [12]. Nesse momento, a dor entra em jogo enquanto que o sujeito a prova pelo outro. Ele se tornará ou poderá tornar-se, nessa dedução teórica, um sujeito sádico, no que o fecho da pulsão terá feito entrar em jogo a ação do outro. O de que se trata na pulsão aqui se revela. Enfim o caminho da pulsão é a única forma de transgressão que se permite ao sujeito em relação ao princípio do prazer [13].

Lacan diz que a pulsão é parcial, e fundamentalmente a pulsão de morte que representa em si mesma a parte da morte no vivo sexuado^[14].

Para Lacan, na relação fundamental da pulsão, o movimento (pulsional) é essencial: a flecha que parte para o alvo só preenche sua função na medida em que realmente dela emana para voltar ao sujeito.

O perverso, neste sentido, é aquele que em curto circuito, mais diretamente que nenhum outro, tem sucesso no seu golpe, integrando o mais profundamente sua função de sujeito à sua existência de desejo.

CAPITULO 3

NOTAS

- [1] Dor, Joël - "Estrutura e perversões". Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 74.
- [2] Ibid., p. 79.
- [3] Ibid., p. 80
- [4] Ibid., p. 81.
- [5] Ibid., p. 81.
- [6] Ibid., p. 81.
- [7] Lacan, Jacques - "O Seminário" Livro II, "Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise", Rio de Janeiro, Zahar, 1979, p. 172.
- [8] Ibid., p. 195
- [9] Ibid., p. 195.

CAPITULO 4

A PERVERSÃO

4.1. A PERVERSÃO COMO ESTRUTURA

O que é a perversão ? Lacan diz que ela não é simplesmente aberração em relação a critérios sociais, anomalia contrária aos bons costumes ou atipia em relação a critérios naturais. Ela é outra coisa na sua estrutura mesma. E acrescenta, que um certo número de tendências perversas são de um desejo que não ousa dizer seu nome. A perversão situa-se, com efeito, no limite do registro do reconhecimento. É isso que a fixa, a estigmatiza como tal. Estruturalmente, a perversão, no plano imaginário, só pode se sustentar num estatuto precário. Ela é sempre frágil, a mercê de uma inversão, de uma subversão. Essa incerteza fundamental da relação perversa, que não se estabelece em nenhuma ação satisfatória, é uma face do drama da perversão. Mas, é também essa estrutura que dá à perversão o seu valor.

A perversão é uma experiência que permite aprofundar o que se pode chamar, no sentido pleno, a paixão humana, quer

dizer, essa divisão com ela mesma que estrutura o imaginário — a relação especular. Ela é aprofundadora, com efeito, pelo fato de que nessa hiância do desejo humano aparecem todas as formas, a que o desejo do homem está inteiramente exposto, no sentido mais profundo do termo, ao "desejo do Outro"¹.

A relação intersubjetiva, que subentende o desejo perverso, só se sustenta da anulação do desejo do Outro ou do desejo do sujeito. O que quer dizer que, tanto num como no outro, essa relação dissolve o ser do sujeito. O outro sujeito se reduz a ser somente o instrumento do primeiro, que fica sendo, pois, o único sujeito como tal.

X O desejo perverso se apóia no ideal de um objeto inanimado. Mas ele não se contenta com a realização desse ideal. Desde que o realiza, no momento mesmo em que o encontra, perde o seu objeto. Sua satisfação é assim, pela sua estrutura mesma, condenado a se realizar ou pela extinção do desejo ou pelo desaparecimento do objeto^[1].

A relação sádica só se sustenta na medida em que o outro está no justo limite em que continua ainda sendo um sujeito. Se não é mais nada além de uma carne que reage, não há mais relação sádica. O sujeito sádico parará aí, pois só reencontrará vazio, hiância, oco. A relação sádica implica, que o consentimento do parceiro seja aprisionado — sua liberdade, sua confissão, sua humilhação. Lacan pergunta: "Não

¹ Vide glossário em anexo

será verdade que a maior parte das manifestações sádicas, em vez de serem levadas até o extremo, permanecem antes na porta da execução? Jogando com a espera, o medo do outro, a pressão, a ameaça, observando as formas mais ou menos secretas da participação do parceiro"[2].

Observamos, nas manifestações a que chamamos perversas, nuances que estão longe de se confundir com o pivô da relação simbólica, o reconhecimento. São formas extremamente ambíguas. Não há transição possível entre os registros do imaginário e do simbólico, o do desejo animal em que a relação é o objeto e o do reconhecimento do desejo. Se a teoria analítica qualificou de perverso tal modo ou sintoma do comportamento da criança, é na medida em que a perversão implica a dimensão da intersubjetividade imaginária. É o caso do duplo olhar que faz com que eu veja que o outro me vê, e que um terceiro intervindo me vê sendo visto. Não há nunca uma simples duplicidade de termo. Não é somente que eu vejo o outro, eu o vejo me ver, o que implica o terceiro termo, a saber, que ele sabe que eu o vejo. O círculo está fechado. Há sempre três termos na estrutura, mesmo se esses três termos não estão implicitamente presentes.

A perversão é, em suma, a exploração privilegiada de uma possibilidade existencial da natureza humana: seu dilaceramento interno, sua hiância, por onde pode entrar o mundo do simbólico². Mas, se a criança é um perverso polimorfo,

²Vide glossário em anexo.

parecerá isto dizer que é preciso projetar nela o valor qualitativo da perversão tal como é vivida no adulto ? Será que devemos procurar na criança uma intersubjetividade do mesmo tipo que vemos ser constitutiva da perversão no adulto ? Não, a intersubjetividade fundamental se manifesta no fato de que pode-se servir da linguagem"^[3]. A intersubjetividade é, de início, dada pelo manejo do símbolo, e isso desde a origem. Tudo parte da possibilidade de nomear, que é, ao mesmo tempo, destruição da coisa e passagem da coisa ao plano simbólico, graças ao que o registro propriamente humano se instala. Para a criança, há inicialmente o simbólico e o real, contrariamente ao que se acredita. Tudo que vemos se compor, se enriquecer e se diversificar no registro do imaginário parte desses dois polos. A criança é mais cativa do imaginário que do resto. O imaginário está lá. Mas nos é absolutamente inacessível. Ele só nos é acessível a partir de suas realizações no adulto. Só podemos atingi-lo, o sujeito, pela linguagem infantil no adulto, no que é verbalizado de maneira irruptiva.

4.2. A PERVERSÃO E O EROTISMO

No Seminário "A lógica da fantasia" Lacan coloca o gozo feminino como abrindo a porta a todos os atos perversos, apesar de salientar que o homem teria, pelo menos em aparência, o privilégio das grandes posições perversas. Ele aponta para o

fato de que a questão do gozo se colocaria mais primitivamente para o homem, na medida em que ele estaria interessado na possibilidade do ato sexual, o que só poderia ser respondido através da separação constitutiva do corpo e do gozo³. E a solução não passaria pela via do ato sexual.

Assim, por exemplo, o que Freud nos diz para definir a pulsão que se chama sadomasoquista, se situa totalmente neste plano da disjunção do gozo e do Outro. O masoquista, interroga a completude e o rigor desta separação, e a sustenta como tal. É, por aí, que chega a obter um certo gozo do gozo. E a solução que se dá, não passa justamente pela via do ato sexual, o que permite situar de um modo justo essa posição fundamental do masoquista, enquanto que estrutura perversa.

Mas o que importa é poder se distinguir de um modo radical, o que é do ato perverso e o que é do ato neurótico. Enquanto o ato perverso se situa nesta questão sobre o gozo, o ato neurótico só se sustenta ao não ter nada a ver com a questão do ato sexual, e sim com o efeito do desejo. Mas é necessário ressaltar que o ato neurótico se refere ao modelo do ato perverso, e lhe toma emprestado sua fantasia^[4].

A fantasia, dentro de nós, nos faz crer que compreendemos, porque desperta em nós a dimensão do desejo. Mas esta impressão de compreender se deve a este fato. Para o perverso, a fantasia não representa o mesmo papel, dado que se

³ Vide glossário em anexo.

define em relação ao ato sexual, e não em relação ao efeito do desejo. A fantasia "uma criança é espancada", ainda quando esteja presente em estruturas muito diferentes, apresenta a característica de ser mais inconfessável que qualquer outra, por "externar" um sentimento de culpabilidade que permite a Freud pô-la em relação ao que se chama uma cicatriz, precisamente a do Complexo de Édipo.

As perversões só adquirem valor ao articular-se com o ato sexual, sem que por outro lado, nenhuma referência a qualquer desenvolvimento endógeno, a qualquer alteração biológica, seja necessária.

No ato sexual em efeito, há para cada um dos parceiros (qualquer que seja), um gozo que fica em suspenso: o do outro⁴.

O gozo limitando o princípio do prazer no campo do ato sexual vai se situar como o "resto" ou "excesso" em relação ao limite ao qual está submetido, como a sua lei. Se para o homem o complexo de castração articula já o problema, ele vai justamente encontrar no campo do gozo os objetos do corpo que, a respeito do princípio do prazer, se definem por estar de algum modo fora do corpo (*hors.corps*).

O objeto "a" é, em efeito, este algo ambíguo, por pouco que seja, do corpo do indivíduo. Por exemplo, o peito fica em efeito como esse algo que pode objetivamente reivindicar o corpo

⁴ Vide glossário em anexo.

da criança como sua posse. Igualmente para o excremento, há apenas necessidade de assinalar, o que este tem em relação ao corpo de marginal, mas também até que ponto está ligado a seu funcionamento.

O resto surge no momento em que é concebido o limite que funda o sujeito: é o objeto "a". É aí onde justamente jaz o gozo, neste fora do corpo, donde deve situar-se o "Dassein", não somente do perverso, mas de todo sujeito⁵.

O sádico, por exemplo, não sabe que é à questão do ato sexual que está aderido, tornando-se disso o instrumento puro e simples: não sabe o que ele mesmo faz como sujeito.

Sade marcou bem as relações do ato sádico com o que é do gozo e irrisoriamente tentou articular disso a lei, sob a forma de uma regra universal digna das articulações de Kant. Em, "Franceses, um esforço a mais para ser republicanos", se pode ver que cada cidadão do estado fantasmático que estaria fundado sobre o direito ao gozo, está obrigado a oferecer a qualquer um, em sinal de designio, o gozo de tal parte de seu corpo. Se trata no texto mesmo de "parte" do corpo, sem que, não obstante o sujeito sádico saiba que é nessa parte do corpo que muito exatamente realiza a essência do que é para ele seu "Dassein".

Sade confessa que o sádico não é mais que o servente do

⁵ Vide glossário em anexo.

mal essencial e soberano, e que deve, ao mal radical que contribui a natureza, facilitar as vias de um máximo de destruição.

É na prática masoquista que é dada propriamente a verdade, enquanto que o masoquista para obter um gozo no único pedaço acessível, que é o objeto "a"⁶, se identifica com este objeto como rechaçado. Ele é menos que nada. Está destituído por contrato dos privilégios de sua função de sujeito. Esta identificação impossível com o que se reduz ao mais extremo do "dejeito" está evidentemente ligada ao gozo. Este gozo é imaginário ou fantasioso. Se trata do gozo puro, mas desprendido do corpo feminino, sobre esse Outro que encarna sem dúvida uma mulher, da qual se trata de subtrair esse gozo tão absoluto como enigmático, do qual é questão de fazê-la gozar, por pouco que seja (ver Wanda der Sacher Masoch, que se lixa para os requerimentos do seu marido).

O sadismo não deve ser visto de nenhum modo como uma reversão do masoquismo, pois ambos operam da mesma forma. O sádico opera de um modo mais ingênuo, intervindo no campo do Outro enquanto que sujeito ao gozo. Ao masoquista basta que o Outro se preste ao gozo. Ele sabe o gozo que obterá, ainda quando o sádico se encontre escravizado por esta necessidade de restabelecer sob o jugo do gozo o que enfoca como sendo o sujeito.

⁶ Vide glossário em anexo.

O desejo sádico, com todo o enigma que comporta, não é articulável. Só é formulável pela divisão, pela dissociação que ele aponta essencialmente, ou seja, a introduzir no Outro⁷, ao impor-lhe, até certo limite, o intolerável. O limite exatamente suficiente, donde se manifesta, donde aparece no Outro esta divisão, esta abertura que há na sua existência de sujeito, pelo fato de que sofre, de que pode padecer em seu corpo.

O que se trata de interrogar, em realidade, não é tanto o sofrimento do outro, quanto sua angústia: a angústia do Outro, sua existência essencial como sujeito com relação a essa angústia. Isto é o que o desejo sádico quer fazer vibrar. O que caracteriza o desejo sádico é o fato de que no cumprimento de seu ato, de seu rito, ele não sabe o que busca, e o que busca é, realizar-se, fazer-se aparecer ele mesmo, fazer-se aparecer como puro objeto⁸, fetiche.

O masoquista não chega pura e simplesmente à sua identificação de objeto. Do mesmo modo que para o sádico, essa identificação só se apresenta sobre uma cena. Só que, inclusive sobre tal cena, o sádico não se vê, só vê o resto. Reconhecer-se como objeto do próprio desejo, é sempre masoquista.

⁷ Vide glossário em anexo.

⁸ Vide glossário em anexo.

O que o masoquista pretende que apareça, sua pequena cena (nunca devemos esquecer esta dimensão) é algo donde o desejo do Outro faz a lei. "Nem sempre estamos sobre a cena, apesar de que a cena se estende muito longe, e até no domínio de nossos sonhos"[5].

O masoquista aparece na função de objeto, do que é esse objeto, o "a" na aparência do dejetivo, do traste, do objeto comum.

No erotismo, a manifestação sádica, é a mais exemplar. O desejo^o se apresenta nela como vontade de gozo, seja qual for o traço por que se manifesta.

Na perversão, onde o desejo se apresenta como aquilo que faz a lei, quer dizer, como uma subversão da Lei, o desejo é de fato e verdadeiramente o suporte de uma Lei. No perverso o que aparece de fora como satisfação sem freio, resulta ser defesa, posta em jogo, posta em exercício, de uma Lei enquanto que ela freia, suspende, detém precisamente, no caminho do gozo.

A vontade do gozo no perverso, como em qualquer outro, é vontade que processa, que encontra seu próprio limite, seu próprio freio, no exercício do desejo perverso. O perverso não sabe em exercício de que gozo exerce sua atividade. Não é em serviço do próprio gozo.

^o Vide glossário em anexo.

O masoquista sabe que quem goza é o Outro. Constitui a exceção a tudo o que se disse antes, de que o perverso não sabe gozar. O que escapa ao masoquista e o põe no mesmo caso que todos os perversos, é o fato de que ele crê, por certo, que o que busca é o gozo do Outro¹⁰, mas justamente, porque o crê, não é isto o que busca.

O que lhe escapa, é que ele busca a angústia do Outro. Por não compreender o que quer dizer buscar a angústia do Outro, por não poder distinguir a verdade que há por detrás disto, se abandona neste "esconderijo" em que algo mais profundo está contido [6].

Qual é a posição do masoquista? O que oculta seu fantasma? Ser o objeto de um gozo do Outro que é sua própria vontade de gozo; porque, depois de tudo, o masoquista não encontra forçosamente a sua parceira.

O que se busca no Outro é a resposta a esta queda essencial do sujeito em sua ausência última, que é a angústia. Onde está este Outro de que se trata? Tal é a razão pela qual se produz neste círculo o terceiro termo, sempre presente no gozo perverso. Aqui reaparece a profunda ambiguidade em que se situa uma relação em aparência dual. Essa angústia, que constitui a mira cega do masoquista porque seu fantasma a oculta, é a angústia de Deus, segundo Lacan [7].

¹⁰ Vide glossário em anexo.

O sádico não é a transposição, o revés, a posição invertida do masoquista. No sádico a angústia está menos escondida. Se analisarmos a fantasia, a angústia da vítima é uma condição inteiramente exigida. O que busca o sádico no outro? Pois para ele o Outro existe, o Outro é absolutamente essencial aqui.

Lacan se pergunta: O que seria então uma fantasia masculina? O homem faz com que seu gozo se sustente de algo que é sua própria angústia. O que recobre para o homem o objeto e a condição do desejo: o gozo depende desta condição. O desejo não faz mais que encobrir a angústia. Para a mulher, o desejo do Outro, é o meio para que? Para que seu gozo tenha um objeto, por assim dizer, conveniente. Sua angústia está diante do desejo do Outro. Ao fim das contas, ela não sabe bem o que encobre^[8].

CAPÍTULO 4

NOTAS

- [1] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 1 "Os escritos técnicos de Freud". Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1983, p. 253.
- [2] Ibid., p. 246.
- [3] Ibid., p. 249.
- [4] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 14 "A lógica da fantasia", p. 80. Inédito.
- [5] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 10 "A angústia". Inédito.
- [6] Ibid., p. 72.
- [7] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 10 "A angústia", p. 32. Inédito.
- [8] Ibid., p. 45.
- [9] Ibid., p. 49.

CAPÍTULO 5

A FANTASIA

5.1. BATE-SE NUMA CRIANÇA

Quanto a fantasia "bate-se numa criança", Freud irá nos dizer em sua experiência o que isto significa para os sujeitos. Freud mostra que essa fantasia trata de alguma coisa que foi substituída, através de uma série de transformações que tiveram um papel inteiramente compreensível no momento da evolução do sujeito.

Veremos em que nível da estrutura subjetiva o fenômeno se passa. A história se escande, à medida em que sob a pressão analítica ela se abre, e que permite encontrar a origem dessa fantasia.

Freud se limita à primeira formulação típica da fantasia: ao que se passa com as mulheres.

A fórmula tomada pela primeira fantasia é esta: "Meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio" (se trata de um rival, do pai, de uma menina após o Édipo"^[1]).

A segunda etapa em relação à psicanálise apresenta uma situação reduzida: Freud nos diz que aí se encontra, de forma muito particular, uma situação reduzida a dois personagens. Freud descreve esta etapa como necessária e reconstruída, indispensável para compreender toda motivação do que se produz na história do sujeito. Esta segunda etapa produz: "eu (moi), eu (je), sou espancado por meu pai".

Trata-se aqui de uma situação reduzida a dois, e exclui qualquer dimensão que não seja a da relação com o agente espancador. Há alguma coisa aí que pode se prestar a todos os tipos de interpretação, mas essas próprias interpretações permanecerão marcadas pela característica da maior ambiguidade. Se na primeira fantasia, há uma organização e uma estrutura que fornece um sentido, na outra a situação é de tal forma ambígua que se pode perguntar num determinado momento em que medida o sujeito participa com quem o agride e que bate nele. É a ambiguidade sado-masoquista.

O sujeito se encontra numa posição recíproca, mas ao mesmo tempo exclusiva: é ou ele ou o Outro que é espancado, e aqui é ele, e pelo fato de que é ele, alguma coisa é indicada, mas não é resolvida. Pode-se ver também a sequência da discussão no ato mesmo de ser espancado, como uma transposição ou deslocamento de alguma coisa que talvez já esteja marcada de erotismo. O próprio fato de podermos nesta ocasião falar de masoquismo, é bastante indicativo. Ao passo que na etapa precedente, Freud disse estar numa situação que, por mais

estruturada que ela tenha sido, ela não é sexual, nem especialmente sádica. Esta segunda etapa, no que ela comporta de dual, de relação dual, é portanto, ambígua. Freud nos diz que somos forçados a reconstruí-la, de tal forma ela é fugidia.

Rapidamente a situação se precipita na terceira etapa, onde o sujeito é reduzido ao seu ponto mais extremo e aparentemente reencontra sua posição terceira sob a forma de observador puro e simples. Ele passa da situação intersubjetiva, dual e recíproca, à situação dessubjetivada da fantasia terminal, qual seja, "bate-se numa criança". Esse "se" é alguma coisa onde se pode reencontrar a função paterna, mas geralmente o pai não é reconhecível, trata-se de um substituto. Por outro lado, quando se diz "bate-se numa criança", frequentemente trata-se de muitas crianças. A produção fantasmática faz com que ela se decomponha, multiplicando-a em mil exemplares. O sujeito só se encontra enquanto uma espécie de espectador, reduzido ao estado de espectador, ou simplesmente de olho.

Ao nível do esquema do sujeito, do Outro e da relação imaginária do eu (moi) do sujeito mais ou menos fantasiado, a relação imaginária se inscreve nesta direção, e nesta relação mais ou menos marcada pela especularidade, reciprocidade entre o eu (moi) e o Outro. Encontramo-nos na presença de alguma coisa que é uma palavra inconsciente, aquela que foi preciso reencontrar através de todos os artifícios da análise da transferência, que é esta "Meu pai espancando uma criança que é a criança que eu odeio, manifesta para mim que ele me ama "Du"

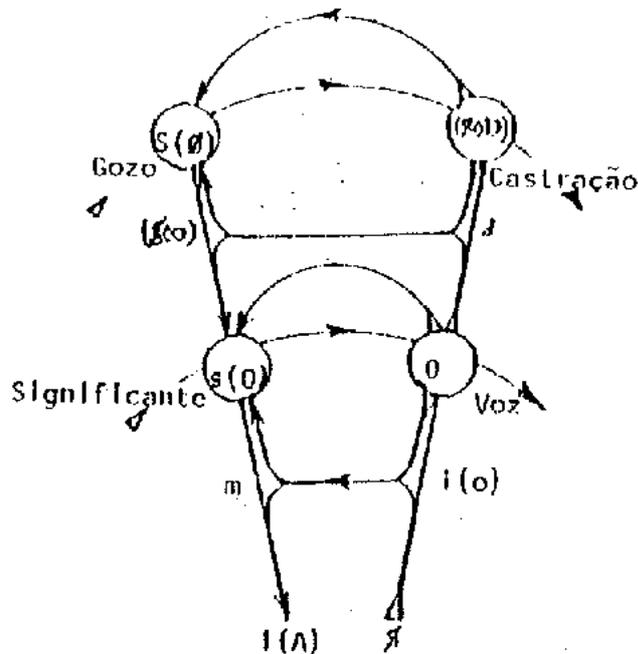
meu pai espanca uma criança porque teme que eu acredite não ser preferido "ou qualquer outra fórmula que de alguma maneira coloque em destaque uma das tonalidades desta relação doméstica. O que é excluído, que não está presente na neurose, que se reencontra e que vai ter evoluções que se manifestam em todos os sintomas constitutivos da neurose, é a fantasia.

A perversão, ou mais precisamente, a fantasia perversa tem uma propriedade que agora podemos destacar. É esta espécie de resíduo, de redução simbólica que progressivamente eliminou da situação toda a estrutura subjetiva e, no fim das contas, enigmática. Ao mesmo tempo, guarda toda a carga não revelada, inconstituída, não garantida pelo sujeito, do que está no nível do Outro como estrutura articulada em que o sujeito está engajado. Encontramo-nos aí no nível da fantasia perversa, de alguma coisa que tem todos os elementos ao mesmo tempo, mas que perdeu tudo que é significação, ou seja, a relação intersubjetiva. É a manutenção do que se pode chamar de significantes em estado puro, significantes esvaziados de seu objetivo.

Esta alguma coisa, que é indicada no sentido de uma relação fundamental estruturante da história do sujeito no nível da perversão, é, ao mesmo tempo, mantida, contida, mas sob a forma de um puro signo. E o que de diferente disso encontramos no nível da perversão? Por exemplo, o fetiche, o qual se diz ser explicável por um para além nunca visto.

Freud marca com precisão que é através dos avatares e da aventura do Édipo, do progresso e da resolução do Édipo, que

devemos considerar a questão, o problema da constituição de toda perversão [2].



5.4. A FANTASIA E O DESEJO

Lacan indica que há um mistério a respeito da fantasia. É com efeito alguma coisa de ambíguo e paradoxal. Ambíguo, pois de uma parte dela é o último termo do desejo, e de outra parte, quando nós a abordamos por uma de suas fases, ela se situa efetivamente no consciente. Na medida em que ela marca toda paixão humana desses laços que nós chamamos de perversão, ela se apresenta sob uma forma bastante paradoxal por ter motivado a rejeição antiga de sua dimensão como sendo da ordem do absurdo. Um passo essencial a esse respeito foi dado na época moderna quando a psicanálise começou a interpretar essa fantasia enquanto perversa. Ela só pode sê-lo na medida em que foi consagrada a uma economia inconsciente, e é o que se pode ler no gráfico do desejo.

Nele a fantasia é colocada em função sobre o circuito inconsciente, que difere profundamente da cadeia que o sujeito comanda, que é o nível da demanda. Na situação normal nada retorna ao nível da passagem, do significado ao Outro, o qual é o nódulo, a soma das significações adquiridas pelo sujeito no discurso humano. A fantasia não passa, fica separada, inconsciente. Desde que, pelo contrário, ela passe, ao nível da mensagem, nos encontramos numa situação atípica. As fases durante as quais a fantasia transpõe esta passagem se inscrevem mais ou menos na ordem do patológico^[3].

O objeto é objeto do desejo unicamente no que ele é termo da fantasia. O objeto toma o lugar, disto de que o sujeito é privado, simbolicamente. Isso de que o sujeito é privado, o que é? É o falo, e é do falo que o objeto toma a função que ele tem na fantasia, e que o desejo se constitui com a fantasia por suporte.

O objeto da fantasia, imagem e pathos, é esse outro (a) que toma o lugar disso de que o sujeito é privado simbolicamente. É no que o objeto imaginário se encontra na posição de condensar sobre si as virtudes ou a dimensão da relação do homem com o objeto de seu desejo. Aí culmina este caráter de fetiche que é o do objeto do desejo humano^[4].

O caráter do "a" na fantasia imaginária o especifica sob as formas mais acentuadas como o polo do desejo perverso. É o elemento estrutural das perversões, já que a perversão se caracteriza por isto: que todo acento é colocado na fantasia no

correlativo propriamente imaginário, o "a". Por mais bizarra que possa manifestar-se a fantasia do desejo perverso, o sujeito está sempre aí, interessado. O sujeito está sempre aí, numa certa relação ao patético, à dor de existir como tal, ou de existir como termo sexual. Se a fantasia sádica subsiste, é na medida em que aquele que sofre a injúria interessa ao sujeito enquanto que ele mesmo pode aí ser ofertado^[5].

A perversão é com efeito alguma coisa de articulada, de interpretável, de analisável, e do mesmo nível que a neurose.

Na fantasia, é localizada, fixada, uma relação essencial do sujeito com seu ser. Enquanto que na perversão, o acento se dirige sobre o "a", na neurose se situa de um acento colocado sobre o outro termo da fantasia, o sujeito, o \$.

A fantasia, se situa no extremo, no ponto de interrogação subjetiva, como seu sustentáculo, já que o sujeito tenta apoderar-se dali no mais além da demanda. É que ele tem que reencontrar na dimensão mesma do discurso do Outro o que foi por ele perdido em nome de sua entrada nesse discurso. Em último termo, não se trata da verdade, mas da hora da verdade.

A fantasia da perversão é dizível. Ela está no espaço. Interrompe uma relação essencial. Não é atemporal, está fora do tempo. Na neurose pelo contrário, a base mesmo das relações do sujeito ao objeto, ao nível da fantasia, é a relação do sujeito ao tempo. O objeto se isenta dessa significação que é procurada no que Lacan chama "hora da verdade". O objeto está sempre aí, na hora anterior ou na hora posterior^[6].

5.3. A FANTASIA COMO ANTEPARO

A fantasia é, fundamentalmente, um roteiro que cobre o espaço vazio de uma impossibilidade fundamental, um anteparo que mascara um vazio. "Não há relação sexual". essa impossibilidade é obturada pelo roteiro, fantasia fascinante, e por isso a fantasia, em última análise é sempre uma fantasia de relação sexual, uma encenação dessa relação. Como tal, a fantasia não deve ser interpretada, mas apenas "atravessada". A única coisa que temos que fazer é perceber que não há nada "por trás", e que a fantasia mascara precisamente esse "nada".

§ <> a, fórmula da fantasia: a função da fantasia é servir de anteparo para ocultar essa inconsistência. E, por fim, S(A), isto é, o efeito da significação como dominado pela fantasia: a fantasia funciona como uma "significação absoluta" constitui o contexto pelo qual percebemos o mundo como consistente e dotado de sentido, o espaço a priori em cujo interior tem lugar os efeitos particulares da significação.

A função da fantasia consiste em tampar a abertura no Outro, esconder sua inconsistência, como faz, por exemplo, a presença fascinante de um roteiro sexual. A fantasia esconde o fato de que o Outro, a ordem simbólica, se estrutura em torno de algo que não pode ser simbolizado, isto é, o real do gozo: através da fantasia, o gozo é domesticado, e o que acontece com o desejo, portanto, depois de termos "atravessado a fantasia ?"

A resposta de Lacan, nas últimas páginas do Seminário 11, é precisamente "a pulsão" e finalmente, "a pulsão de morte": além da "fantasia" só encontramos a pulsão e sua pulsação em torno do "sinthomem" — a "travessia da fantasia", portanto, tem uma estreita correlação com a identificação com um sinthomem (Saint homme) [7].

A fantasia aparece, pois, como uma resposta à pergunta "Che Vuoi ?", ao enigma insustentável do desejo do Outro, da falta existente no Outro. Mas, ao mesmo tempo, é a própria fantasia, que, por assim dizer, fornece as coordenadas de nosso desejo, isto é, constrói o contexto que nos permite desejar algo. A definição habitual da fantasia ("um cenário imaginário que representa a realização do desejo") é, pois, um tanto enganosa, ou pelo menos ambígua; na cena de fantasia, o desejo não é preenchido, "satisfeito", mas substituído. Graças à fantasia, aprendemos "como desejar".

É nessa posição intermediária que se encontra, assim, "o paradoxo da fantasia": ela é o contexto que coordena nosso desejo, mas é, ao mesmo tempo, uma defesa contra o "che vuoi ?", um anteparo que esconde o vazio, o abismo do desejo do Outro. Levando o paradoxo ao extremo, diríamos que o próprio desejo é uma defesa contra o desejo: o desejo estruturado pela fantasia é uma defesa contra o desejo do Outro, contra esse desejo "puro" e transfantasístico (isto é, a pulsão de morte em sua forma pura). Agora podemos compreender de que modo a máxima da ética psicanalítica formulada por Lacan ("não ceder em seu desejo") coincide com o momento que fecha o processo psicanalítico, com a

travessia da fantasia: o desejo diante do qual não devemos "ceder" não é o desejo sustentado pela fantasia, porém o desejo do Outro mais além da fantasia. "Não ceder em seu desejo" implica, precisamente, uma renúncia radical a toda a riqueza dos desejos baseados em cenários fantasísticos. No processo psicanalítico, esse desejo do Outro assume a forma do desejo do analista: o analisando tenta, inicialmente, fugir desse abismo por meio de transferência, isto é, oferecendo-se como objeto de amor do analista. A "dissolução da transferência" se dá quando o analisando renuncia a preencher o vazio, a falta no Outro [8].

De que modo um objeto empírico positivamente dado se transforma num objeto do desejo? Como passa a conter um X, uma qualidade desconhecida, algo que é "nele mais do que ele" e que o torna digno de nosso desejo? Simplesmente, entrando no contexto da fantasia, sendo incluído numa cena fantasística, que dá consistência ao desejo do sujeito. Zizek dá como exemplo o filme de Hitchcock, "A janela indiscreta": a janela pela qual James Stewart, incapacitado e preso à sua cadeira de inválido, olha sem parar e, evidentemente, uma janela da fantasia — seu desejo fica, fascinado pelo que ele pode ver através dela. E o problema de Grace Kelly é que, ao lhe declarar seu amor, ela age como obstáculo, como uma mancha que perturba a visão pela janela, em vez de fasciná-lo por sua beleza. Como ela consegue, finalmente, tornar-se digna de seu desejo? Entrando, literalmente, no contexto de sua fantasia, atravessando o pátio para aparecer do "outro lado" onde ele possa vê-la pela janela. Quando Stewart a vê no apartamento do assassino, seu olhar se torna imediatamente fascinado, ávido, desejoso dela: ela

encontrou seu lugar no espaço da fantasia dele. Essa seria a lição de Lacan sobre o "chauvinismo masculino": o homem só pode se relacionar com uma mulher na medida em que ela entra no contexto de sua fantasia.

No nível um tanto ingênuo, esse esquema não é desconhecido da psicanálise tradicional pré-lacanianana, que afirma que todo homem busca, na mulher que escolhe como parceira sexual, a substituta da mãe: o homem se apaixona por uma mulher quando uma de suas características lhe lembra sua mãe. A única coisa que Lacan acrescentou a essa visão tradicional foi sublinhar a dimensão negativa habitualmente desprezada: na fantasia, a mãe é reduzida a uma série limitada de traços (simbólicos), no momento em que um objeto próximo demais da Coisa-mãe aparece no contexto da fantasia, o desejo é sufocado pela proximidade do incesto. Aqui encontramos novamente o papel mediador paradoxal da fantasia: ela é uma construção que nos permite buscar substitutos maternos, mas, ao mesmo tempo, é um anteparo que nos protege de chegarmos perto demais da Coisa materna, que nos mantém a distância. Por isso seria errôneo concluir que qualquer objeto empírico positivamente dado possa se integrar na estrutura da fantasia e, com isso, passar a funcionar como um objeto do desejo: existem objetos (os que são próximos demais da Coisa traumática) que estão definitivamente excluídos, quando porventura se intrometem na estrutura da fantasia, o efeito disso é extremamente perturbador e repugnante e a fantasia perde seu poder de fascinação e se torna um objeto de nojo [9].

5.4. A FANTASIA PARA JACQUES ALAIN MILLER

"Certa subversão está presente no analista, na medida em que este aponta um além do bem-estar. A mesma subversão que Lacan encontra em Kant, a propósito da fantasia"[10].

Há uma vergonha da fantasia. É que o sujeito tira o conteúdo da sua fantasia do discurso da perversão. O fato de que tenha fantasias perversas não quer dizer que o seja.

A fantasia é como uma máquina para transformar o gozo em prazer: como na máquina para domar o gozo, pois o gozo, por seu próprio movimento se dirige ao desprazer e não ao prazer.

Além do princípio do prazer o que há é uma dimensão do gozo e a fantasia aparece como um meio para articulá-la o que corresponde ao princípio do prazer.

A fantasia tem uma função semelhante à do brincar, que é — a partir de uma situação tanto de gozo quanto de angústia — produzir prazer.

A fantasia fundamental não é objeto de interpretação por parte do analista, é um objeto de construção; corresponde ao recalque originário.

A fantasia recobre a angústia suscitada pelo desejo do Outro: a própria angústia aparece quando há um desfalecimento da cobertura fantasmática.

J.A. Miller propõe a fantasia como um meio não contingente, e sim essencial de pôr o gozo dentro do princípio do prazer.

A fantasia tem um aspecto imaginário, correspondente a tudo o que o sujeito pode produzir como imagens, tanto de aspectos do seu mundo quanto de personagens do seu ambiente.

A fantasia fundamental é um axioma. A dimensão fundamental da fantasia é sua dimensão real. Para Lacan é um axioma de que o Real¹ é impossível. Trata-se do impossível de mudar.

O fim da análise é a conquista de uma modificação da relação do sujeito com o Real da fantasia.

O sentido da fórmula $\$ \langle \rangle a$ (não é um rombo, é marca)² é ser uma escritura que não propõe a fantasia como frase e sim como a relação do sujeito com um objeto um pouco especial. É a escritura da fixação do sujeito por um objeto especial.

O neurótico se defende do gozo através do desejo, enquanto o perverso, pelo contrário, assume o desejo como "vontade de gozo". A fantasia deste último está baseada em um distanciamento, em um deixar de lado a demanda do Outro, em sua problemática, portanto, de submissão ou coação.

¹Vide glossário em anexo.

²Vide glossário em anexo.

Se o perverso nada diz da antinomia entre desejo e gozo é porque aceita o gozo do Outro. Aceita colocar-se como instrumento do gozo do Outro. Toda a leitura que Lacan fez da fantasia de Sade demonstra que o que está escondido aí é justamente que o perverso, em sua fantasia, aceita ser um instrumento do gozo do Outro^[11].

CAPÍTULO 5

NOTAS

- [1] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 4, "A relação de objeto", p. 43-47. Inédito.
- [2] Ibid., p. 61-68.
- [3] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 6, "O desejo e sua interpretação", p. 78. Inédito.
- [4] Ibid., p. 83.
- [5] Ibid., p. 84.
- [6] Ibid., p. 84.
- [7] Žižek, Slavoj - "Eles não sabem o que fazem". Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p. 121.
- [8] Ibid., p. 121.
- [9] Ibid., p. 121.

[10] Miller, Jacques-Alain - "Percurso de Lacan", Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p. 99.

[11] Ibid., p. 136.

CAPÍTULO 6

A PERVERSIDADE

6.1. A PULSAO DE MORTE

Garcia-Roza, em seu livro "O mal radical em Freud, aponta que a pulsão ocupa um lugar, situado além da ordem e da Lei, além do inconsciente e da rede dos significantes, além do princípio do prazer e do princípio de realidade, além da linguagem: é o lugar do acaso^[1].

A pulsão é o que se repete. Diz Lacan no Seminário 11: "O que se repete, com efeito é sempre algo que se produz como por acaso". Mais adiante: "A repetição demanda o novo"^[2].

Lacan no Seminário de 4 de maio de 1960 propõe três níveis em que pode ser articulada a questão da pulsão de morte e que são:

1. No nível dos sistemas materiais inanimados: entropia;
2. No nível dos sistemas materiais vivos: retorno ao

inanimado;

3. Como vontade de destruição (e não tendência ao inanimado). Vontade de recomeçar com novos custos: vontade de outra-Coisa^[3].

Se a pulsão coloca em causa o natural, se por ela e a partir dela o natural tem que ser recriado, sua identificação com a vontade de destruição é legítima. Não se deve entender essa vontade de destruição como uma encarnação do mal, mas como a afirmação de um fundamento implícito na teoria freudiana^[4].

O que se recusa é a concepção da pulsão de morte como uma tendência a reproduzir o mesmo.

É no "Mal-estar na cultura" que Freud afirma a autonomia da pulsão de morte entendida como pulsão de destruição. Antes, no "Mais-além", a pulsão ainda aparecia como ligada às pulsões sexuais: sadismo e masoquismo. Só no "Mal-estar" ele reconhece que não é possível desconhecer a "ubiquidade" da agressão e destruição não eróticas e que em consequência, o próximo não é somente um possível auxiliar e objeto sexual, mas uma tentação para satisfazer nele a agressão, explorar sua força de trabalho sem recompensá-lo...

A pulsão de morte entendida como potência destrutiva, tem como alvo a disjunção das unidades, a recusa da permanência das unidades. Enquanto a pulsão sexual é conservadora, pois além de construir uniões, tende a mantê-las, a pulsão de morte é

renovadora. Ao colocar em causa tudo o que existe, ela é potência criadora.

A destruição no "Mal-estar" seria uma disposição pulsional, autônoma, originária, do ser humano^[5].

6.2. O MAL ESTAR

Seguindo, esta linha de raciocínio, de que a destruição seria uma disposição pulsional, autônoma, originária do ser humano, nós tenderíamos a pensar a perversidade por esta via.

Freud, no "Mal-Estar na Cultura", coloca que os homens querem felicidade.

Segundo ele, o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Programa, este, que se encontra em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo, quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ser executado. Todas as normas do universo são-lhe contrárias. A intenção de que o homem seja "feliz" não se acha incluída no plano da "criação".

O programa de tornar-se feliz que o princípio do prazer nos impõe, não pode ser realizado: contudo, não devemos, na verdade, não podemos, abandonar nossos esforços de aproximá-lo da consecução de uma maneira ou de outra.

Uma das exigências ideais da sociedade civilizada é "amarás a teu próximo como a ti mesmo". Essa exigência conhecida em todo mundo, é mais antiga que o cristianismo. No entanto, ela não é excessivamente antiga, mesmo em tempos históricos, ainda é estranha à humanidade. Por que deveremos agir deste modo? Que bem isto nos trará? Acima de tudo, como conseguiremos afirmar deste modo? Como isso pode ser possível? A máxima nos impõe deveres para cujo cumprimento devemos estar preparados e dispostos a efetuar sacrifícios. Se amamos uma pessoa ela terá de merecer nosso amor de alguma maneira, conclui Freud.

Pergunta Freud: Qual é o sentido de um preceito enunciado com tanta solenidade, se seu cumprimento não pode ser recomendado como razoável? "Homo homini lupus", o homem é o lobo do homem: essa cruel agressividade espera por alguma provocação ou se coloca a serviço de algum outro intuito, cujo objetivo também poderia ter sido alcançado por medidas mais brandas.

O homem é revelado como uma besta selvagem, a quem a consideração com sua própria espécie é algo estranho.

No sadismo teríamos à nossa frente um vínculo desse tipo particularmente forte, isto é, um vínculo entre as tendências para o amor e o instinto destrutivo, ao passo que sua contra-partida, o masoquismo constituiria uma união entre a destrutividade designada para dentro e a sexualidade, união que transforma aquilo que, de outro modo, é uma tendência

imperceptível, numa outra conspícua e tangível.

No sadismo e no masoquismo sempre vemos diante de nós manifestações do instinto destrutivo (dirigidas para fora e para dentro) fortemente mescladas ao erotismo, mas não se pode mais desprezar a ubiquidade da agressividade e de destruição não eróticas, como já foi apontados antes.

Há uma inata inclinação humana para a "ruindade", a agressividade e a destrutividade e também para a crueldade. Deus nos criou à imagem de sua própria perfeição, ninguém deseja que lhe lembrem como é difícil reconciliar a invejável existência do mal com seu poder e sua bondade.

É no sadismo onde o instinto de morte, o objetivo erótico, em seu próprio sentido, embora, ao mesmo tempo, satisfaça integralmente o impulso erótico — que conseguimos obter a mais clara compreensão interna de sua natureza e de sua relação com Eros. Contudo, mesmo onde ela surge sem qualquer intuito sexual, na mais cega fúria da destrutividade, não podemos deixar de reconhecer que a satisfação do instinto se faz acompanhar por um grau extraordinariamente alto de fruição, devido ao fato de presentear o ego com a realização de antigos desejos de onipotência deste último. O instinto de destruição, moderado, domado, é por assim dizer, inibido em sua finalidade, daí, quando dirigido para objetos, proporcionar ao ego a satisfação de suas necessidades vitais e o controle sobre a natureza.

O mandamento "ame ao teu próximo como a ti mesmo" constitui a defesa mais forte contra a agressividade humana.

É impossível cumprir este mandamento. Que poderoso obstáculo à civilização a agressividade deve ser, se a defesa contra ela gera tanta infelicidade quanto a própria agressividade ! A "ética" natural, tal como é chamada, nada tem a oferecer aqui, exceto a satisfação narcisista de se poder pensar que se é melhor do que os outros [6].

6.3. O MAL AO PRÓXIMO

Lacan, no Seminário 7, "A Ética da Psicanálise" afirma que o próximo é um ser malvado. Em Freud o que surge é a presença dessa crueldade profunda que habita o próximo. Mas daí ela habita também em mim. Assim que nos aproximamos de nosso gozo — é esse o sentido do mal-estar — surge essa insondável agressividade diante da qual nós recuamos, que retorna contra nós, e que vem no lugar mesmo da lei esvanecida, dar seu peso ao que nos impede de transpor uma certa barreira no limite da Coisa. O que nós queremos é o bem dos outros à imagem do nosso. "Não há lei do bem, senão do mal e pelo mal". O homem é ao mesmo tempo parte da natureza e princípio de sua perversão. O homem seria seu próprio "daimon", ele mesmo capaz de perverter a

ordem natural.

Lacan nos diz que o gozo é um mal: ele é um mal porque comporta o mal do próximo^[7]. E afirma: "O que quero é o bem dos outros à imagem do meu. O que quero é o bem dos outros, contanto que permaneça à imagem do meu^[8]".

O gozo do meu próximo, seu gozo nocivo, seu gozo maligno, é ele que se propõe como o verdadeiro problema para o meu amor^[9].

Recuo de amar o meu próximo como a mim mesmo na medida em que nesse horizonte há algo que participa de não sei qual crueldade intolerável. Nessa direção, amar meu próximo pode ser a via mais cruel^[10].

6.4. KANT COM SADE

Sade dá o passo inaugural de uma subversão com "Filosofia na alcova"; que se esteja bem no mal subverte que se esteja bem no bem. É o crescimento do tema "felicidade no mal".

Sade funda o reino de seu princípio: o dos direitos do homem: nenhum homem pode ser propriedade de outro homem, nem de nenhum tipo de atributo. Suspende o direito de todos a gozar de cada um à sua vontade. É sem dúvida o outro enquanto livre, é a liberdade do outro, que o discurso do direito ao gozo coloca no

sujeito de sua enunciação. O gozo é o que define a experiência sadiana.

Sade, nos mostra, por exemplo, que a dor é de um ciclo mais longo que o prazer, pois uma estimulação a provoca no ponto onde o prazer acaba: é o desvanecimento do sujeito.

As práticas que Sade impõe às suas vítimas, o suplício último, se fundam sobre a crença que ele pode devolver-lhes o mais-além do tormento eterno.

Sade nos aponta que o objeto, o objeto do desejo, desnudo, é a escória de um fantasma, onde o sujeito não se repõe de sua síncope. É um caso de necrofilia.

"Até onde Sade nos leva na experiência deste gozo, ou só de sua verdade?" Pergunta Lacan^[11].

Sade transpõe a estrutura imaginária do limite. Transpõe na teoria, não na fantasia: o gozo da destruição, a própria verdade do crime, o mal buscado pelo mal, o Deus como Ser Supremo-em-maldade^[12].

Lacan nos mostra no Seminário "A Ética da Psicanálise" que quando se avança na direção do vazio central, o corpo do próximo se despedaça. Vemos em Juliette: "Emprestai-me a parte do vosso corpo que possa satisfazer-me um instante e gozai, se isto vos agrada, da parte do meu que pode ser-vos agradável".

Segundo Lacan, podemos observar no enunciado dessa lei fundamental, a primeira manifestação articulada do objeto parcial. Mas quando assim se articula a noção de objeto

parcial, significa por isso que esse objeto nada mais pede senão para entrar no objeto, o objeto valorizado, o objeto de nosso amor e de nossa ternura, o objeto dado que concilia em si todas as virtudes do pretense estado genital. Esse objeto encontra-se necessariamente em estado de independência no campo central. O objeto total, o próximo, vem aí delinear-se, separado de nós, erigindo-se no meio de uma figura de jazigo^[13].

O segundo termo que Sade nos ensina é o que aparece na fantasia como o caráter indestrutível do Outro, uma vez que ele surge na figura de sua vítima: a vítima sobrevive a todos os maus tratos. Ela não se degrada nem mesmo em seu caráter de atração voluptuosa: ela tem sempre os olhos mais lindos do mundo, o aspecto mais patético e o mais comovente. É um suplício eterno^[14].

Kant tem a mesma opinião de Sade. Pois para atingir absolutamente "das Ding", para abrir todas as comportas do desejo, o que Sade nos mostra no horizonte? Essencialmente a dor. A dor de outrem, e igualmente, a dor própria, do sujeito, pois são, no caso, apenas uma só e a mesma coisa. O extremo do prazer, na medida em que consiste em forçar o acesso à Coisa nós não podemos suportá-lo. É o que constitui o lado derrisório, o lado maniaco que salta a nossos olhos nas construções romanceadas de um Sade. A cada instante se manifesta o mal estar da construção viva^[15].

O "Mal-estar na cultura" nos diz que tudo o que se passa do gozo à interdição vai no sentido de um reforço sempre

crescente de interdição.

Kant admite um correlato sentimental da lei moral em sua pureza e isto não é outra coisa senão a própria dor. A passagem de Kant:

"Por conseguinte, podemos ver a priori que a lei moral como princípio de determinação de vontade, pela mesma razão que ela causa danos a todas as nossas inclinações, deve produzir um sentimento que pode ser chamado de dor. É esse aqui o primeiro, e talvez o único caso em que nos seja permitido determinar, por conceitos a priori, a relação de um conhecimento, que vem deste modo crescente de interdição. Todo aquele que se aplica em submeter-se a lei moral sempre vê reforçarem-se as exigências sempre mais minuciosas, mais cruéis do seu Super Eu^[16].

Freud não hesita em articular, no "Mal estar na cultura", que não há medida comum entre a satisfação que um gozo em seu primeiro estado fornece e aquele que ele fornece em suas formas desviadas e até mesmo sublimadas, nas quais a civilização se envereda^[17].

6.5. O PARADOXO DO GOZO

O agente do tormento é instrumento do gozo do Outro. É esse o ponto mais forte da desmontagem lacaniana: é a verdade da fantasia sadiana. É o que distingue a estrutura perversa dos traços de perversão, da perversão polimorfa do homem, ou seja, que o perverso assegura o gozo do Outro. O masoquista se flagela por um terceiro: isso parece mais difícil de sustentar em relação ao sadismo. O que Lacan quer demonstrar no seu esquema de "Kant com Sade" é que é preciso alterar a escrita de fantasia, conservar os termos, mas alterar a ordem dos lugares, para passar da fantasia à perversão.

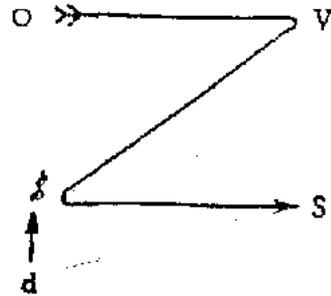
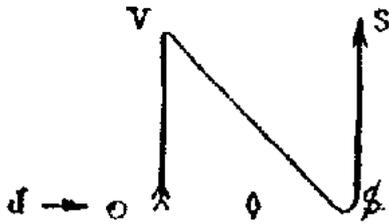
Num primeiro tempo temos a escrita conhecida do sujeito na posição de sujeito desejante e dividido por um objeto que é o objeto do desejo, que é, pode-se dizer, o complemento do objeto. Isso é a fantasia como meio de acomodar o desejo a um objeto, de fazer durar o prazer. A fantasia perversa é o inverso.

No Seminário 11 a perversão é efeito inverso da fantasia.

Vamos colocar o sujeito do lado do Outro como sendo a vítima de uma vontade que lhe impõe gozar. Podemos dividir em dois planos a fantasia: do lado do sujeito e do lado do Outro. Na fantasia, digamos normal, o Outro do sujeito é seu complemento de objeto. Na perversão temos uma anomalia: é que

o sujeito se encontrará, ele próprio, sujeitado a uma vontade que lhe impõe o gozo.

Lacan vai acrescentar ao seu esquema, em "Kant com Sade", após a inversão, uma oposição entre o sujeito do gozo dividido pelo objeto no lugar do carrasco. Sade no lugar de "a", Sade o instrumento, carrasco, instrumento do gozo do Outro. É preciso dizer que nesta época o objeto "a" ainda não é descrito como causa da divisão do sujeito. Lacan faz uma sutura, seguindo Sade, aliás, entre o objeto e a vontade, que é um dos nomes da pulsão. O imperativo do gozo é outro nome da pulsão. Portanto, no ponto vontade, poderíamos pensar que não há muita coisa senão o indicativo do impulso, mas Lacan vê o V da alienação. Lacan segue Sade dizendo que é um gozo de vontade, que em toda perversão há uma lei, um imperativo de gozo. Com relação a essa vontade (V), Lacan faz valer uma disjunção entre o sujeito do prazer e o sujeito do gozo. É por essa razão que se vê aparecer sobre o esquema um quarto termo que é o sujeito bruto do prazer. Mas o que interessa é o vetor, daí o que Lacan vem acentuar de uma maneira particular a causa da divisão subjetiva. Essa é a significação do esquema, a inversão que se vê em relação à escrita da fantasia. Há uma outra operação para realizar. Não exatamente uma inversão, mas uma rotação de um quarto de volta^[18]. Lacan altera a ordem dos termos, fá-los girar de lugar mantendo a equivalência da relação entre os termos.



O perverso sadiano, o perverso lacaniano-sadiano, fantasia um gozo contínuo, independentemente do que acontece com o seu próprio desejo. E então ele coloca um ponto, uma estratégia, destinada a assegurar o gozo no lugar do Outro, não o desejo enquanto desejo do Outro.

Na perversão o perverso faz existir ao Outro.

Para Lacan o desejo é isto: o sujeito dividido pelo desejo. Mas isso implica riscos, angústias. Por isso o neurótico recalca o desejo. A estratégia do perverso é impor o desejo do Outro e ocultar completamente o que é o seu próprio desejo. É uma estratégia de evitar a castração, evocada por Freud na sua célebre Renegação.

Não é o perverso que goza, é o Outro, onde o perverso se torna o instrumento do Outro, se se distingue o Outro e o

personagem que se encontra efetivamente em cena.

É o perverso que necessita acreditar nesse gozo do Outro que eventualmente não está nem aí, como por exemplo Masoch, que pedia à sua mulher para brincar de "Venus das peles", com a idéia de que isso iria fazer cócegas nela. E ela bocejava de chateação, olhando para o relógio e esperando que acabasse, indicando ao Masoch, que o Outro que ele usava não era ela. Era preciso um grego, um rival, ou um Outro sob a forma de contrato assinado, para a cena tivesse um interesse qualquer [19].

A tese fundamental de Lacan é que o objeto impossível nos é dado, não obstante, numa experiência específica, a do objeto a, objeto causa de desejo, que nada tem de "patológico" e que não se reduz a um objeto da necessidade ou da demanda. E aí está como Sade deve ser apreendido como a verdade de Kant: esse objeto cuja experiência é evitada por Kant aparece, precisamente na obra de Sade, sob a forma do executor, do carrasco, do agente que exerce sua atividade "sádica" sobre a vítima. O carrasco sádico nada tem a ver com o prazer: sua atividade está, no estrito sentido ético, além de qualquer móbil "patológico", ele só faz "cumprir seu dever" (como é atestado, afinal, pela falta de humor na obra de Sade).

O carrasco sempre trabalha para ao gozo do Outro e não para o seu; faz de si um mero instrumento da Vontade do Outro. Na cena sádica, há sempre, ao lado do carrasco e de sua vítima, um terceiro, o Outro para quem o sádico exerce sua atividade, o Outro cuja forma pura é a da voz de uma lei que se dirige ao

sujeito na segunda pessoa, com o imperativo "cumpre teu dever".

A grandeza da ética kantiana está em haver formulado, pela primeira vez, o "além do princípio do prazer". O imperativo categórico de Kant é uma lei do supereu que vai precisamente contra o bem-estar do sujeito, ou, mais precisamente, que é totalmente indiferente a seu bem-estar, ao "princípio do prazer", que é, do ponto de vista do "princípio do prazer" e de seu prolongamento, o "princípio de realidade", totalmente não econômico e não-economizável, absurdo. A lei moral é uma ordem feroz que não admite desculpas — "Podes porque deves" — e que ganha, por isso, o ar de uma neutralidade malfazeja, de uma indiferença medíocre.

Segundo Lacan, Kant escamoteia o outro lado dessa neutralidade da lei moral, sua maldade e sua obscuridade, sua malignidade que remete a um gozo por trás da ordem de lei. Lacan liga essa dissimulação ao fato de que Kant evita a divisão do sujeito (sujeito de enunciação, sujeito do enunciado) implicada na lei moral.

É essa, pois, a divisão entre o sujeito do enunciado e o sujeito de enunciação da lei: por trás do sujeito da lei em sua vertente neutra, pacificadora, solene e sublime, há sempre um lado do objeto que anuncia a malignidade, a maldade, a obscuridade.

A fórmula de fantasia é $S \langle \rangle a$, isto é, o sujeito barrado, dividido em seu encontro com o objeto causa de seu desejo. O sádico inverte essa estrutura, o que resulta em "a":

ele evita sua divisão, de maneira a ocupar, ele mesmo, o lugar do objeto, do agente executor frente a sua vítima, ao sujeito dividido histerilizado.

A realidade histórica e a estrutura da fantasia sadiana, é para Lacan o paradigma da fantasia perversa. A fantasia constitui um além-do-prazer, que tem como função prolongá-lo, incluindo o desprazer ou a síntese do prazer e do desejo. A fantasia faz o prazer próprio do gozo, isto é, a fantasia é o prazer mais o objeto.

Para Kant é o encontro com o objeto que determina a atitude moral. Ele exclui, para garantir a universalidade de sua máxima, valendo para todos, a saber, o encontro com um objeto que possa suscitar um sentimento, uma paixão. Em suma, há um sujeito sem objeto, colocado à parte a voz de sua consciência que lhe enuncia a máxima.

A máxima sadiana está em "A filosofia na alcova", de Sade, no panfleto "Franceses, um esforço a mais, se quereis ser republicanos": "Tenho o direito de gozar do seu corpo, pode me dizer qualquer um e este direito eu o exercerei sem que nenhum limite me detenha nos caprichos das prerrogativas que entende o gosto de saciar".

É uma máxima que vale universalmente. O importante, no enunciado da máxima, é o que existe no "pode me dizer qualquer um" não é o sujeito que fala, fala-se ao sujeito, isto é, o sujeito na máxima sadiana, recebe do Outro a expressão de sua vontade de gozo, formulada em direito, isto é, em termos

jurídicos do direito.

O que ela coloca ? Ela coloca, em seu enunciado, a liberdade do Outro, já que ela se enuncia: "Eu tenho o direito... pode me dizer qualquer um". É portanto o Outro que é livre para gozar da parte do corpo a que se dirige. É da liberdade do Outro que se trata aqui.

A máxima sadiana funda, pelo menos supõe um Outro não barrado, não marcado pelo limite. Correlaciona a liberdade do Outro à vontade do gozo.

Kant diz que para que a lei moral seja realmente a lei, não deve ser agradável para o sujeito. Para que o dever seja dever, não deve sê-lo por inclinação natural. É daí que Lacan extrairá o sadismo, o sadismo contido na moral kantiana, que não é o sadismo de Sade, é o sadismo da verdade.

Na passagem no "Mal-Estar na Civilização" em que Freud fala que "homo homini lupus", o "homem é o lobo do homem", ele se exprime de maneira extensa sobre a Coisa, a crueldade na história, o fato de que todo mundo pode constatar de que os homens não são anjos, de que se detestam, é um fato. Freud leva a sério a conexão da crueldade com o gozo sexual, de que fazer o outro sofrer dá prazer. Trata-se do gozo no que ele tem de sadiano. É um texto sobre a agressividade, sobre o gozo da destruição, na sua correlação com o gozo sexual. Lacan profetiza uma autodestruição da humanidade, que não teria motivação erótica. O gozo não é um bem, o gozo é um mal porque comporta o mal do outro. Tanto Freud quanto Sade opõem o prazer

ao gozo, e também o bem-estar ao bem.

É em "Kant com Sade" que a oposição vai ser desenvolvida entre um bem que não tem nenhum valor moral que é o sentimento de felicidade, o sentimento de bem-estar (WOHL) e por outro lado o bem absolutamente indeterminado enquanto objeto, que não se sabe o que é, sabe-se somente que ele designa uma vontade de abordagem com a lei, uma vontade de submissão incondicional à lei, e que pode ser a lei do gozo, que contém o mal do próximo.

O paradoxo do gozo se apoia sobre os direitos do homem, e é absolutamente antinômico com a tirania, que dá o direito de possuir o outro, que dá o direito de propriedade, um direito de vida e morte sobre o outro.

CAPITULO 6

NOTAS

- [1] Garcia-Roza, Luiz Alfredo - "O Mal Radical em Freud", Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p. 1267.
- [2] Ibid., p. 129.
- [3] Ibid., p. 130.
- [4] Ibid., p. 131.
- [5] Ibid., p. 131.
- [6] Freud, S. - "O mal-estar na civilização". 1930 in Obras Completas, vol. XXI, Rio de Janeiro, Zahar, 1974.
- [7] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 7, "A Ética da Psicanálise", Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p. 259.
- [8] Ibid., p. 260.
- [9] Ibid., p. 260.

[10] Ibid., p. 260.

[11] Lacan, Jacques - "Écrits" Article "Kant avec Sade", Paris, Ed. Du Seuil, 1966, p. 765.

[12] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 7 "A Ética da Psicanálise", Rio de Janeiro, Zahar, 1990, p. 246.

[13] Ibid., p. 247.

[14] Ibid., p. 102.

[15] Ibid., p. 216.

[16] Ibid., p. 244.

[17] Ibid., p. 244.

[18] Cottet, Serge - "O Paradoxo do Gozo", Salvador, fator, 1989, p. 31-49.

[19] Ibid., p. 50.

[20] Clastres, Guy - "A significação do falo e um comentário do Kant com Sade", Salvador, Fator, 1990, pp. 78-79.

CAPITULO 7

ALGUMAS QUESTOES SOBRE A CLINICA

Até agora só fizemos afirmações... As questões que estas afirmações nos suscitam levam-nos a interrogar sobre qual a sua contribuição para a clínica das perversões. Neste ponto muitas lacunas, muitas dúvidas se apresentam, mais do que respostas. De que modo poderíamos pensar a teoria e a clínica ?

Não raro encontramos fragmentos de análise que recortam os territórios específicos daquilo por Freud nomeado "disposição perverso-polimorfa": ramificações de uma sexualidade perversa, que perspassam os bastidores da economia psíquica de todo ser humano. Outras vezes, verificamos, nesses relatos, que se tratam de traços de uma perversão, que se realizam fantásticamente na vida de um sujeito: são momentos perversos isolados, que ocorrem esporadicamente, em geral relacionados a alguma situação específica, por exemplo, como resposta a uma intervenção inadvertida do analista. É o que Lacan nomeia de "perversão transitória": aquilo que se traveste numa composição fantasmática, cristalizando as relações do sujeito com o objeto do gozo, privilegiando, assim, toda uma satisfação eminentemente sexual. Tanto num caso como no outro, o que encontramos são ramificações de uma composição estrutural,

que se esclarecerão, ora numa histeria ou obsessão, ora num quadro de fobia.

Mas, no que diz respeito às perversões propriamente ditas, o que dizer? Esses quadros perversos, de caráter sólido e de estruturas sistematizadas, estes, nós quase não os encontramos nos relatos do nosso cotidiano psicanalítico. As razões dessa ausência se evidenciam pelo fato de que os perversos dificilmente chegam aos analistas... e se, devido a um "erro" qualquer, um ou outro bater à porta pedindo uma análise, certamente que essas "demandas" não serão levadas tão a sério, na medida em que os perversos não se enquadram às "regras" que fundamentam a prática psicanalítica. Daí a ausência de testemunhas sobre a direção da cura com pacientes perversos que tivessem ido mais longe numa análise, o que é justificado pelo fato dessa estrutura clínica apresentar uma "incompatibilidade" para com a psicanálise...

Na verdade, os analistas não deram atenção devida às perversões, no sentido de buscar produzir elementos teóricos precisos que delimitassem essa estrutura clínica como uma modalidade específica. Basta que se recapitulem alguns textos, onde este ou aquele autor afirmava, de início, tratar-se de um paciente perverso, para depois, após uma observação mais atenta, concluir não se tratar de outra coisa que de uma neurose.

É a partir dos ensinamentos de Jacques Lacan que a psicanálise faz avançar uma razão teórica mais consistente, capaz de criar maiores condições de escrita daquilo que a perversão tem a dizer: ao apresentar a perversão como

estrutura, são lançadas as bases conceituais necessárias para que se estabeleça uma escuta mais consequente.

É sabido que os psicanalistas sempre se colocaram numa posição de saber sobre a perversão. No entanto, mesmo as contribuições lacanianas não resolveram o enigma que nos apresentam as perversões, principalmente no que diz respeito à clínica, as questões pertinentes à transferência nos pacientes perversos ainda estão sem respostas, à espera de uma teorização mais abrangente que possibilite uma clínica mais consequencial.

A verdade é que as perversões tendem sempre a desorientar não somente o analista em sua prática mas, também a psicanálise como um todo. Se a psicanálise vem mostrar que o Outro não existe, solidarizando-se no mal radical de uma castração que, inconsistente e traumática, só se eterniza no A — o perverso, no ensejo de uma saga que constitui o seu projeto perverso afirmando a existência do Outro (A) e se consagra a fazê-lo gozar. Renegando a castração, fazendo erigir o objeto fetiche no lugar do significante da lei, fundado no rigor de uma transgressão onde o real só é tratado imaginariamente, o perverso coloca-se numa posição confortável para argumentar que o Outro não é inconsistente ou faltante, mas sim incompleto. Ao transgredir o corpo materno para nele se alojar e se identificar imaginariamente, o perverso procura demonstrar que pode transformar isto que da falta estrutural não cessa de não se inscrever — $S(A)$, sua inconsistência fundamental — numa incompletude $S(A)$ — de fácil acesso e instrumentalização do gozo.

Quando se aborda a clínica da perversão, os analistas se localizam em duas posições:

— primeiro, há os que negam qualquer possibilidade de se trabalhar analiticamente com pacientes perversos; sustentam-se na evidência de que o perverso não demanda nada, posto que é detentor de um farto e soberano saber sobre o gozo. Isto, por si só, insere o perverso numa relação difícil com a psicanálise, na medida em que ele não se coloca como aquele que não sabe, frente a um sujeito-suposto-saber: se esta é condição mínima para que haja transferência... logo, sem transferência não há análise.

— segundo são os que, mesmo não desconhecendo as dificuldades aqui presentes, que não raro se esclarecem num corpo teórico justificativo, acreditam que em algum momento o perverso se angustia — e isso por si só, já é extremamente positivo, na medida em que esse fato demarca uma falência de sua capacidade de produzir saber sobre o gozo. Haveria, pois, indício relevante de uma cota de suposição de saber no Outro, o que permitiria, então, a oportunidade de se provocar abertura para a transferência: nesse sentido, à semelhança do que ocorre na análise com pacientes neuróticos, o a se deslocaria numa transferência, num engajamento fantasmático maciço dirigido ao Outro, quer dizer, ao analista. Logo, o obstáculo maior a ser vencido restaria na conta do próprio analista: de ter de se ver frente a frente com seus preconceitos, e ter de deixar de lado

os constantes "sentimentos" de rivalização que emergem no trabalho com tais pacientes.

A estrutura das perversões nos indica uma posição particular em relação ao Outro. Instala, de início, um limite, uma vez que o perverso não chega a formular a pergunta relacionada ao S.s.S. (Sujeito suposto Saber). Este limite acarreta dificuldades ligadas às próprias condições que dizem respeito desde o próprio início do tratamento, de sua permanência, ou seja, do seu desenvolvimento até às abruptas interrupções do mesmo, que não são raras.

A condição da demanda da análise encontra-se sempre relacionada à fantasia e à particular posição pela qual o sujeito se relaciona com ela. Fantasia, que por sua vez, se define ela mesma por seus limites com referência à Lei, traduzindo uma posição subjetiva frente ao desejo.

Ora, o sujeito perverso sabe sobre o gozo. Utilizando-se do seu "savoir-faire" ele exerceu o saber do Outro, colocando fora do jogo quem o encarna. Ele sabe fazer gozar ao Outro, o saber em atos. Há nele mais uma vontade de gozo que um desejo. Perguntamo-nos: tratar-se-ia de fazer dessa "vontade" uma "função de desejo"? Conflitualizá-lo? Ou seja, produzir a angústia que a pergunta pelo desejo suscita? Seria esta a vida do sujeito aceder à análise?

Lacan chama-nos atenção, no que se refere à direção da cura, para o que ele intitula "perversão transitória"^[1] onde se constata de que modo um erro de concepção na direção da cura

pode induzir, para mais além da perversão transitória, a irreduzibilidade da posição subjetiva, sem que, para tanto, seja invocada uma outra estrutura clínica. A perversão transitória é um momento da cura cuja responsabilidade pesa sobre o analista, aí onde a perversão poderia ser considerada como uma modalidade de gozo posta em questão na cura. A perversão transitória é o efeito obtido de um tratamento mal orientado sobre a escolha do objeto.

Uma outra forma de pensarmos em como trabalhar a perversão se apresenta no que Lacan denomina o discurso do Mestre. Parece haver uma íntima relação deste discurso com a perversão. A escrita do discurso do mestre é:

$$\frac{S_1}{S} // \frac{S_2}{a}$$

sendo que os termos são: S_1 ; o significante-mestre; S_2 , o Saber, o a, o mais-gozar e o S, o sujeito. A leitura que se faz deste discurso é que o S_1 , significante-mestre, na qualidade de agente se dirige ao outro, o S_2 , o Saber produzindo um gozo, o "a", objeto mais-gozar, que está disjunto (//) da sua verdade, o S, o sujeito. Os discursos giram, no sentido do que Lacan chama um quarto-de-volta, de esquerda para a direita. Há emergência do discurso analítico a cada travessia de um discurso a outro. O discurso do analista se representa por:

$$\frac{a}{S_2} // \frac{S}{S_1}$$

Os lugares do discurso são de: $\frac{\text{o agente}}{\text{a verdade}}$ $\frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$. De posse deste esclarecimento, voltemos ao discurso do mestre que é o que nos interessa mais no momento.

Neste discurso há uma recusa da castração. O mesmo não quer saber, nem sabe o que quer. O mestre só quer gozar, gozar até morrer. Se neste caminho encontra algum obstáculo, não foi certamente ele quem o pôs, e sim o escravo, reconhecendo-o, sabendo-o mestre. O significante mestre produz gozo para que o Outro oculte a verdade do sujeito, sua falta:

"O sujeito nada quer saber de que não pode saber que não há saber sobre o sexual".

Tanto no discurso do mestre como na perversão, o objeto mais-gozar só satisfaz o sujeito enquanto sustenta a realidade da fantasia.

O sujeito fixado na fantasia perversa, tal, como aparece na parte inferior da escrita do discurso do mestre ($S \langle \rangle a$) é importante para escapar desta relação ao gozo que supõe o saber de, ou a crença no, objeto. O sujeito gozando de sua fantasia, ficaria fixado como o perverso nesta posição que faz impossível um giro de discurso.

As implicações disto no dispositivo analítico são evidentes. Só a presença real do analista permite a instauração

do discurso analítico, condição necessária para qualquer mudança de discurso. Mais ainda, o amor de transferência opera retroativamente na dissolução desta aparência de relação perversa, que é a do analista do analisante, segundo a escritura a <> S.

Um caso clínico, citado por Joel Dor, em seu livro "Estrutura e perversões", ilustra bem as dificuldades no tratamento de um perverso, as impossibilidades e a impotência do analista diante de tal sujeito.

Esse analista recebe um dia em seu consultório um homem de cerca de quarenta anos que se apresenta, imediatamente, como um formidável perverso. O tratamento engaja-se de maneira difícil e escabrosa e, várias vezes por semana, o analista torna-se assim a testemunha particular das mil e uma torpezas de seu paciente. Este leva, com efeito uma existência totalmente dissoluta e submetida às excentricidades perversas mais inquietantes e escandalosas.

Ao final de algum tempo de tratamento, o analista, que era um homem de idade avançada e de uma experiência incontestável, acabou por determinar elementos repetitivos intrigantes. Como os perversos são habitualmente muito sensíveis à arte de manipulação, certo de que estava de excitar vivamente a curiosidade de seu analista, o paciente engaja-se no decorrer das sessões em uma narrativa cada vez mais detalhada sobre sua existência. Especialmente, durante vários meses, relata sequências de sua vida passada e atual que não omitiam atividades ilegais, mentiras, escândalos, onde os protagonistas

sucedem-se em situações cada uma mais inconfessável que a outra. Essencialmente trata-se de uma existência absolutamente frenética de orgias delituosas onde o folclore sexual parece não ter nenhum limite.

O analista torna-se assim a testemunha auditiva das transgressões mais impressionantes realizadas sobre o fundo de roubos, fraudes, tráficos, violações, que são algumas vezes a primeira página dos jornais. É evidente que é com essa cumplicidade obrigatoriamente secreta que se iniciou, para esse paciente, um espaço prodigioso de gozo no próprio lugar de seu tratamento; esse gozo estando tanto mais assegurado quanto encontrava-se garantido pelo silêncio do analista. Vários "acting-out" chegam mesmo a tornar o analista juridicamente cúmplice de situações tão ilegais quanto inexplicáveis.

O tratamento prossegue apesar de tudo por causa da firmeza olímpica do analista continuamente posto à prova sob o modo do desafio. Precisamente porque permanecia inamovível em seu lugar de analista, esse paciente vai jogar suas "últimas cartas", como se pode dizer que queima os últimos cartuchos. Ora, acontece frequentemente que, nas estratégias perversas, os últimos cartuchos são justamente cartuchos decisivos no sentido em que sempre alcançam seu objetivo. É isto na própria medida em que o essencial da manobra perversa consiste em ajustar o alvo tanto tempo quanto é necessário para acertar a mosca no momento oportuno.

Sem esperar, o curso da análise toma um novo rumo. O paciente torna-se a cada sessão mais prolixo quanto à narrativa

de seus amores perversos. Uma descrição minuciosa das cenas sexuais invade o curso das sessões, no limite do insuportável. Nessas cenas reaparecem sempre os mesmos protagonistas que se entregam a excessos acrobáticos apenas concebíveis e, no mínimo, muito perigosos. Tudo se passa como se fosse preciso, permanentemente, desafiar este limite irreversível que se chama a morte.

O analista acaba por identificar em seu paciente um mal-estar crescente e sobretudo a ameaça de um perigo iminente se nada fizer parar este transbordamento de gozo. Este momento de arrebatamento do gozo, que intervém um pouco como uma súplica dirigida ao analista pelo paciente, é um processo frequente no tratamento dos perversos, que deve ser apreendido como o sinal precursor de um momento de ruptura. No melhor dos casos, é o próprio paciente que interrompe seu tratamento. Acontece entretanto que a ruptura seja consumada em razão de uma passagem ao ato trágica do paciente.

Nesse tratamento, tudo parece ter se passado como se o analista se tivesse sentido cada vez mais interpelado pela torrente das insuportáveis narrativas cada vez mais interpelado pela torrente das insuportáveis narrativas que lhe fazia regularmente seu paciente. Invadido por uma crescente inquietude, o analista gradualmente vai deslizar do lugar em que se mantivera até o momento, tornando-se pouco a pouco diretivo. Deslizamento fatal, já que era este o sinal tão esperado por seu paciente para aplicar as últimas invectivas em seu empreendimento perverso.

O paciente progressivamente mostra-se sob um aspecto totalmente medonho aos olhos do analista à medida que revela sutilmente a identidade autêntica de seus protagonistas. Pouco a pouco vem assim desmascarar-se uma corte de personagens, entre os quais algumas personalidades eminentes dos meios intelectuais locais.

Não menos que um ano e meio de tratamento foi necessário a esse paciente para que realizasse com estratégia sua pernicioso missão e desaparecesse logo após. Não importa ao perverso o preço a pagar desde que o desafio e a transgressão sejam mantidos até seus mais funestos extremos.

Presumindo o analista "maduro" para ser arruinado por uma última revelação, ele revela a identidade de uma suas parceiras sexuais mais depravadas e lúbricas: não era outra senão uma das filhas do analista^[3].

Podemos notar neste caso clínico, como o analisando seduz o seu analista, manipulando a sua curiosidade, numa narrativa cada vez mais detalhada sobre sua existência, tornando o analista seu cúmplice, na medida em que passa a ser a testemunha auditiva de suas transgressões. Vemos como a narração das cenas sexuais chegam ao limite do insuportável, gerando uma necessidade por parte do analista de parar este transbordamento de gozo. O analista gradualmente desliza do lugar em que se mantivera, tornando-se pouco a pouco mais diretivo, até que o analisando desfere-lhe um golpe certeiro, como se estivesse a espreita para acertar a mosca no momento

oportuno. Este momento em que o analista torna-se mais diretivo, parece-nos que ele fica numa relação dual com o analisando, no eixo imaginário da transferência (a — a'), poderíamos dizer mesmo sado-masoquista, onde este sujeito (analisando) perverso se consagra a fazer gozar (ou sofrer) ao analista. É como se a Lei não vigorasse nesta análise, só passando a existir a lei do perverso, a qual fica submetido também o analista e que é colocado na mesa na forma do "acting-out" final, quando o dito perverso, após fazer a sua última confissão, desaparece para sempre.

Contribuições recentes de Jacques Alain Miller e Contardo Calligaris colocam posições renovadoras no que diz respeito à teoria e à clínica da perversão.

Jacques Alain Miller, em 1989, numa conferência em Genebra, que se intitula "A perversão normal" afirma que "a natureza humana é a perversão, isto é, uma montagem altamente sofisticada que supõe a linguagem".

Parece-nos que temos aí o contraponto, a outra face da mesma moeda, em se tratando da perversão, ou seja, colocando-nos como questão, tratar a perversão não só como uma estrutura clínica mas sim como a própria estrutura do falante.

C. Calligaris é um dos autores contemporâneos que aborda o tema desta forma. Quando discorre numa conferência sobre "A perversão: um laço social?" aponta que o diagnóstico da perversão, numa clínica fundada na transferência, se coloca a partir do discurso, ou seja, da maneira como alguém se dirige a

nós, do lugar que nos coloca quando nos fala. Portanto, o diagnóstico da perversão pode se dar quando esse lugar é de cumplicidade ou de desafio e quando isto se pode sentir e constatar pela maneira de falar decisiva para o sujeito. E acrescenta que a formação perversa é o núcleo da nossa vida social, da vida social do neurótico pela razão de que o fantasma perverso aparece como o único no qual o sujeito tem pelo menos dois lugares: "A que título os neuróticos poderiam manter-se juntos, a não ser no fantasma perverso" pergunta. E responde: "Um desempenha o instrumento(a) e o outro o saber (S_2). Mas como dois sujeitos singulares vão entrar numa montagem na qual perseguem o gozo de um mesmo outro? Porque cada um tem o seu outro, nos diz.

Contardo Calligaris não pensa que a vida seja possível sem a montagem perversa, mas salienta que o importante é reconhecê-la. Ele acha que a Psicanálise não pode mudar grande coisa no que diz respeito à ordem da estrutura mas acredita que após a experiência de uma análise se possa habitar a sua própria estrutura e as montagens perversas de um modo diferente.

Novamente o termo "montagem" aparece: a primeira vez com J. A. Miller e agora com C. Calligaris.

Para Calligaris haveria numa montagem perversa no nosso laço social cotidiano mesmo que não houvesse perversos de estrutura.

CAPITULO 7

NOTAS

- [1] Lacan, Jacques - "Écrits" Paris, Ed. du Seuil, 1966, p. 609.
- [2] Revista Brasileira do Campo Freudiano, Salvador, Ed. Fator, Jan/Dez., 89, p. 88.
- [3] Dor, Joël - "Estruturas e perversões". Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 140-141.

CONCLUSÃO

Dentro dos limites que nos propusemos neste trabalho, ou seja, diante de tantos paradoxos, parece-nos que não se trata de concluir, muito pelo contrário, a discussão se mantém...

A partir das últimas proposições lançadas no capítulo anterior, acreditamos alcançar uma dimensão mais ampla, que enriquece o entendimento da perversão, tal como é vista contemporaneamente.

Podemos notar numa passagem de Freud em "Moral Sexual Civilizada Moderna", onde ele fala que "a psicanálise pode triunfar sobre as neuroses individuais, mas a tarefa de curar a civilização é muito mais árdua, na medida em que a vocação da humanidade para a neurose é o que se revela no mal-estar moderno", um anúncio do que ele mesmo desenvolve posteriormente em 1930, no "Mal estar na cultura", e que, em 1960, Lacan retoma no Seminário intitulado "A Ética de Psicanálise", especificamente quando fala:

"Sem dúvida, algo deverá permanecer aberto quanto ao ponto que ocupamos na evolução da erótica e à cura a ser

trazida não mais a fulano ou a sicrano, mas à civilização e a seu mal-estar. Devemos talvez fazer nosso luto de toda inovação verdadeira no domínio da ética e até certo ponto, poderíamos dizer que algum sinal disso se acha no fato de que nem mesmo fomos capazes, após todo nosso progresso teórico, de estar na origem de uma nova perversão".

Não é possível falar de perversão sem falar em ética. Diz Lacan, no referido Seminário, que a ética "permite-nos colocar à prova e salientar o que, na obra de Freud e na experiência da Psicanálise que dela decorre, trazem-nos de novo?" E se pergunta "de novo sobre o que? Sobre o geral, a Psicanálise, e o particular, a análise".

Lacan aborda neste momento um ponto crucial para a nossa práxis, que é a questão do "novo". Assim como a pergunta "o que é a Psicanálise" deve ser permanentemente recolocada, a pergunta em relação à perversão, merece tratamento semelhante, a nosso ver. Isto colocado numa perspectiva mais ampla, a da própria Psicanálise como um todo, requer a produção de teorias científicas para dar conta deste novo.

A distinção que Lacan faz entre Psicanálise em intensão e psicanálise em extensão ajuda-nos a pensar a passagem do individual para o social, do particular para o geral e acreditamos que até mesmo reforça a questão da cura a ser trazida não mais a fulano ou a sicrano, mas à civilização e seu

mal-estar.

Lacan introduz esta distinção num esforço de explicitação dos deveres com que se defronta o psicanalista. Na psicanálise em extensão, o psicanalista se depara com o dever de tomar a psicanálise presente no mundo.

Trata-se do voto de que o que se possa vir a ser obtido na psicanálise em intensão não se esgote no âmbito do indivíduo, caso em que uma análise se resumiria a aquisições pessoais que possibilitariam ao "analisado" maior maleabilidade dentro de uma sociedade inalterada pelo advento da psicanálise.

A extensão da psicanálise, a presentificação no mundo de seus conceitos e de sua prática, encontra-se na dependência estrita da conceituação de algo que ocorre na psicanálise em intensão, ou seja, na análise pessoal de cada um.

As contribuições de Jacques Alain Miller e Contardo Calligaris, já citadas no capítulo anterior, vão revolucionar o campo das perversões. Miller salientando que "a natureza humana é a perversão, uma montagem altamente sofisticada que supõe a linguagem" e Calligaris que "haveria uma montagem perversa no nosso laço social quotidiano, mesmo que não houvesse perversos de estrutura", apontam para o que se poderia chamar "uma perversão normal", ou seja, para o reconhecimento e o não reconhecimento de uma estrutura perversa ao mesmo tempo. Isto nos leva a perguntar: a posição de Miller e Calligaris falaria desta "nova" perversão nomeada por Lacan no Seminário d'A Ética da Psicanálise? É uma questão que, pelo momento, preferimos

deixar em aberto.

O que poderíamos concluir, entretanto, é que estas novas abordagens nos levam a questionamentos, a rupturas, a reviravoltas, a subversões cada vez maiores. Por exemplo, se partimos para tratar a perversão como normal, qual seria a direção da cura a ser adotada? Continuando neste raciocínio, seria mais fácil, ou menos árdua, a tarefa de "curar" a civilização?

Neste momento não se trata de responder a estas questões e sim, salientar que elas nos apontam para um mais-além do até agora apresentado.

CONCLUSÃO

NOTA

- [1] Lacan, Jacques - O Seminário Livro 7. "A ética da psicanálise". Rio de Janeiro, Zahar, 1988, p. 25.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDR, Hannah - O sistema totalitário. Lisboa, Publicação Dom Quixote, 1978.
- CLASTRES, Guy - A significação do falo e um comentário do Kant com Sade. Salvador, Fator, 1990.
- CLAVREURL, Jean - A ordem médica. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- COTTET, Serge - O paradoxo do gozo. Salvador, Fator, 1989.
- DOR, Joël - Estrutura e perversões. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- ECO, Humberto - Como se faz uma tese. São Paulo, Perspectiva, 1989.
- FREUD, Sigmund - Tres ensayos, para una teoria sexual, 1905, in Obras Completas, Tomo II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.
- - Los instintos y sus destinos, 1915, in Obras Completas, Tomo II. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

FREUD, Sigmund - *Pegan a un niño*, 1919, in *Obras Completas*, Tomo III. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

— - *El mal estar en la cultura*, 1929/1930, in *Obras Completas*, Tomo III. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

— - *O mal estar na civilização*, 1930, in *Obras Completas*, Vol. XXI. Rio de Janeiro, Zahar, 1974.

GARCIA-ROZA, Luis Alfredo - *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

JURANVILLE, Alain - *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

LACAN, Jacques - *O Seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.

— - *O Seminário, Livro 4, A relação de objeto*. Inédito.

— - *O Seminário, Livro 6, O desejo e sua interpretação*. Inédito.

— - *O Seminário, Livro 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

— - *O Seminário, Livro 10, A angústia*. Inédito.

- LACAN, Jacques - O Seminário, Livro 11, Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- - O Seminário, Livro 14, A lógica da fantasia. Inédito.
- - O Seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.
- - O Seminário, Livro 20, Mais ainda. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- - Écrits, Article Kant avec Sade. Paris, Ed. du Seuil, 1966.
- - Escritos. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- LAUTERI-Laura, Georges - Lecture des perversions. Paris, Masson, 1979.
- LAPLANCHE, S. e PONTALIS, J-B. - Fantasia originária, fantasia das origens, origens da fantasia. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- MAGNO, M.D. - O pato lógico. Rio de Janeiro, Acutra Editora, 1986.
- - O sexo dos anjos. Rio de Janeiro, Acutra Editora, 1988.

- MCDUGALL, Joyce - Em defesa de uma certa anormalidade. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- MILLER, Jacques-Alain - Percurso de Lacan. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- MILLOT, Catherine - Freud antipedagogo. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- - Nobodaddy. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- NIETZSCHE, F. Wilhelm - Obras incompletas. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- RABINOVICH, Diana - El concepto del objeto en la teoria psicoanalitica. Buenos Aires, Manatiai, 1988.
- SADE - A filosofia na alcova. Lisboa, Publicações Europa-América Ltda., 1990.
- STENGERS, Isabelle - Quem tem medo da ciência - ciências e poderes. São Paulo, Siciliano, 1990.
- VALAS, Patrick - Freud e a perversão. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- VIGNOLES, Patrick - A perversidade. Campinas, Papirus, 1991.

ZIZEK, Slavoj - Eles não sabem o que fazem. Rio de Janeiro,
Zahar, 1992.

OUTRAS PUBLICAÇÕES

- . Anuário Brasileiro de Psicanálise. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1991.
- . Fundacion del Campo Freudiano. Rasgos de perversion en las estructuras clínicas. Buenos Aires, Manatial, 1989.
- . Revista Brasileira do Campo Freudiano. Salvador, Fator, Jan-Dez., 1989.
- . Revista de Clínica Freudiana, Ano 1, no. 1. Salvador, Fator, Out-Dez., 1989.
- . Revista de Clínica Freudiana. Salvador, Fator, Jan-Jun., 1990.

GLOSSÁRIO

SUJEITO:

O sujeito se caracteriza por estar localizado, do ponto de vista das estratégias da linguagem, em determinada posição. O sujeito surge comprometido em determinada posição. O sujeito surge comprometido em uma jogada que não tramou, e esse é o ponto essencial em que se encontra a dimensão estruturante do sujeito através do processo inconsciente. A primeira inscrição do sujeito é feita em relação a um sistema simbólico que pré-existe a ele e que o condiciona desde antes do seu nascimento. O sujeito é servo da linguagem, porque é a partir da linguagem que o sujeito constrói sua mensagem, ficando portanto condicionado por essa estrutura. A linguagem é o sistema que o precede e ao qual ele está condicionado, mas é o discurso (em seu movimento, que localiza o sujeito em seu lugar.

OBJETO:

O objeto do desejo é um objeto perdido, se constitui como ausência; é objeto causa de desejo, é da dimensão de um nada, é o objeto de desejo do Outro.

OUTRO:

Escrito com maiúscal, alude a um lugar e não a uma entidade. Diz-se lugar para significar uma ordem de elementos significantes que são os que articulam o Inconsciente e marcam a determinação simbólica do sujeito. É um sistema parental e simbólico que determina a posição do sujeito. É o lugar do código. Lugar de convenção significante: O Outro está "mais-além", em uma relação de "exterioridade" com relação ao sujeito. Representa-se por A de Autre, em francês. É sede da palavra e garantia de verdade.

OUTRO:

Autre, em francês, com minúscula. Refere-se ao semelhante, ao próximo. O outro determina a relação especular do imaginário. É o companheiro imaginário.

DESEJO:

Freud postula a indestrutibilidade do desejo, que é heterogênea com respeito à satisfação de qualquer necessidade; trata-se de um desejo que pode sustentar-se em uma permanente

insatisfação.

O objeto do desejo humano é o objeto do desejo do Outro e o desejo sempre desejo de outra coisa (do que falta ao objeto primordialmente perdido). O desejo, mais além da demanda derroga o predomínio do outro; toma forma de condição absoluta em relação ao Outro.

DESEJO DO OUTRO:

É o desejo do homem. O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro. "Que quer ele de mim? Che moi ?" é a pergunta do desejo.

GOZO:

O gozo para Lacan é aquilo que não serve para nada (século XX). O gozo é um limite. O gozo só se interpela, só se evoca, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência. O gozo se dirige ao desprazer por seu próprio movimento. O gozo para Lacana é a marca, a marca para a morte. A marca sobre a pele; um sujeito como sendo objeto de gozo, na prática erótica (o avesso da Psicanálise).

GOZO DO OUTRO:

Se escreve por $S(A)$, jouissance d'Autre, em francês. O gozo do Outro é sinónimo do saber (S_2); o saber é o que faz com que a vida se detenha em um certo limite em direção ao gozo. Pois o caminho para a morte — o masoquismo — nada mais é do que o que se chama gozo (O avesso da Psicanálise).

S(A):

Quer dizer que em A , que não é um ser, mas o lugar da palavra, onde repousa o conjunto do sistema de significantes (quer dizer de uma linguagem) falta alguma coisa, alguma coisa que pode ser apenas um significante. Um significante faz falta ao nível do Outro — não há Outro do Outro.

OBJETO "a":

Este objeto que sustenta a relação do sujeito a isto que ele não é — o falo.

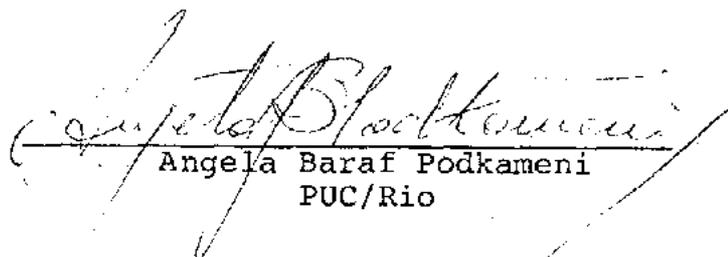
MARCA:

Há algo de completamente radical — é a associação, no que está na base, na própria raiz da fantasia, dessa glória, da marca. A marca sobre a pele, onde se inspira, nessa fantasia, o que nada mais é que um sujeito que se identifica como sendo objeto de gozo. Na prática erótica, a flagelação, o gozar, assume a própria ambiguidade, pela qual é no seu plano, e em nenhum outro, que se percebe a equivalência entre o gesto que marca e o corpo, objeto de gozo (O avesso da Psicanálise).

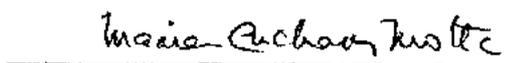
REAL:

Aparece como um corte na estrutura do sujeito. Opera como causa. O Real é absolutamente heterogêneo e sua relação com o objeto e a falta aparece mediada pela ordem significante segundo a articulação do Falo que, como representante primordial, participa eminentemente do Real. O Real não é objeto de definição, mas de evocação. Aparece no discurso enquanto comanda o desconhecimento. O Real tem a ver com a falta a ser, com a ruptura fundamental, com a operação significante e o desejo. O real escapa à simbolização e se situa à margem da linguagem.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/Rio, pela aluna MARCIA GOMES SOUZA ANTUNES, intitulada, "As perversões: Seus paradoxos. Uma leitura psicanalítica a partir da contribuição de Jacques Lacan". Fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professores:

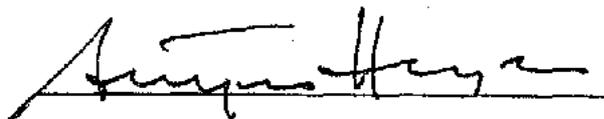

Angela Baraf Podkameni
PUC/Rio


Esther Maria de M. Arantes
PUC/Rio


Maria Euchares Motta
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão.

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1993.



Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas.